



TEXTOS DR. JOSÉ NAZAR

Os Pecados dos Pais

Problemas de Família

FALE COMIGO

Dr. José Nazar

Sou um jovem de 21 anos de idade, universitário, moro com minha família. Estou em crise, passando por conflitos que têm nas dúvidas forças que arrasam minha vida. Tenho dois irmãos mais novos, uma irmã de 15 e um irmão de 12. Aparentemente, somos uma família feliz, sem grandes problemas. Meus pais são boas pessoas, trabalhadores e bem sucedidos em suas profissões. Vivemos em Minas, temos um bom convívio social e já existe uma tradição da família que vem de muitos anos.

Eu me dirijo ao senhor pois não tenho com quem conversar sobre o que está se passando dentro de minha casa e, talvez, dentro de minha cabeça também. Trata-se de um assunto sutil e delicado demais, e não é fácil expressá-lo em palavras e em público, mas vou tentar.

Próximo de completar 18 anos de idade, assim que entrei na universidade - curso a faculdade dos sonhos de meu pai e que, por alguma razão, ele não conseguiu realizar -, meu pai passou a beber pouco mais do que bebia antes, que era tão somente nos almoços dos fins de semana. Agora, ao chegar do trabalho, mal coloca os pés em casa, começa a beber. Nada de excesso, mas o suficiente para ficar mais alegre, mais falante do que o habitual. Como se não bastasse, minha mãe entrou na onda, deu para acompanhá-lo na bebida.

Há mais ou menos três anos venho notando uma cena estranha, que se repete com alguma frequência, que me causa constrangimento. Meu pai, já mais solto com a bebida, coloca minha irmã adolescente em seu colo e, não sei explicar muito bem, essa cena me constrange a ponto de eu não conseguir pensar em mais nada. Minha mãe não se incomoda, e não dá importância ao que lhe digo. Eu já lhe disse que minha irmã estava grandinha demais para ficar no colo de papai, e sua resposta foi me perguntar se eu estava com ciúme. Nestas horas, meu irmão, de cara



emburrada, refugia-se em seu quarto. Já algumas vezes, não acredito que seja uma coincidência, meu pai deixa minha irmã pela sala e se tranca no quarto com a minha mãe.

É da minha cabeça, estou vendo coisas onde não existe? Será que estou enciumado do que se passa na relação de meu pai com minha irmã? Chego a pensar que meu pai usa minha irmã, pois até presentes ele tem dado mais a ela. Às vezes, me recrimino por achar que meu pai se excita com minha irmã para depois ter relações sexuais com a minha mãe. Trabalho esta questão na minha terapia e minha analista sempre diz que a questão está dentro de mim. Conversei com um tio, pessoa que respeito muito, e ele também acha loucura da minha cabeça. Mesmo assim, é normal uma filha de 13-15 anos ficar no colo de um pai? Quais os limites do certo e do errado nestes contatos corporais entre pais e filhos?

O que fazer? Com quem falar? As dúvidas estão me matando. Amo meu pai, sempre o respeitei muito, ele sempre foi uma pessoa muito boa. Não quero perder minha família.

Francisco Souza

Os Pecados dos Pais

Suas preocupações se justificam. Alguma coisa se passa, sim, e você tem lá suas razões, tem motivos suficientes para se preocupar. Esta cena, em que uma filha adolescente que se faz sentar no colo do pai - diga-se, com certa frequência -, quer dizer algo que está para além de um carinho paterno. Por isso mesmo há um mal-estar, um constrangimento, que deve, pois, ser tomado como um apelo, um pedido de ajuda. Se verdadeira, ou não, agora pouco importa. Mas você irá tomá-la como sendo, posto que esta cena se interpôs entre sua vida subjetiva e uma realidade.

De toda maneira, trata-se de uma cena que se impôs como um elemento reativo a um sofrimento particular do casal que testemunha uma quebra do ritmo desta família de uma maneira aguda. Torna-se necessária uma intervenção para que a coisa não siga em frente e venha tornar-se crônica. Esse acontecimento pede por uma leitura, e é você Francisco, o destinatário desta carta, como aquele que pode pontuar tal questão, certo? Somente você, pois é quem está com os pés no chão.

Mas, vamos com calma, isso não é difícil de ser encaminhado. Muita calma e, por favor, não converse este assunto com mais ninguém, a não ser na sua análise. Digo isto, na medida em que você se encontra tomado de dúvidas. Portanto, trata-se de algo que não é de bom grado alardear, não



convém, pois todos perdem com isto, você me entende? Por enquanto, não permita que isso vaze mais. Você vai resolver, a partir de si mesmo, dentro de sua casa. A interpretação do fato já te habita, está fervilhando em seu discurso, e você irá aplicá-lo na sua realidade familiar.

Dê um crédito para o que vou lhe dizer. Continuaremos nos falando, e você vai ver como esse problema poderá se deslocar dentro da dinâmica da própria família. Isto sim é importante: que se possa resolver no interior da família. Siga o que vou lhe dizer, nem mais nem menos, está bem? É lógico, se você julgar que o encaminhamento que apresento é coerente, e que está cernido de um bom senso, de uma coerência. Caldo de galinha e prudência não faz mal a ninguém. Não é tão difícil, pois o problema que você nos apresenta pode ser solucionado sem grandes sequelas. O de que você se queixa é de algo que acontece o tempo todo, e não é tão difícil de encará-lo no sentido de uma mudança de rota.

Digo isto porque demonstrou muita seriedade nas suas palavras. Há verdade no seu relato, sofrimento e interrogações. Mesmo porque, você afirma que seus pais são pessoas boas, são pessoas bacanas, que você os ama e quer manter sua família dentro de uma união.

Veja bem, Francisco, não existe nenhuma família pura, limpa de pecados. Todos nós temos os nossos pecados, erros, escorregões. Como também temos virtudes, acertos, conquistas. Os sentimentos humanos são ao mesmo tempo perversos e gloriosos. Eles são mesclados de tudo e mais um pouco. Somente os ideais denotam pureza, ou seja, enganos, fachadas. Não sei se você já sabe, mas uma família ideal não existe, nem mesmo no papel.

Há um dado interessante. Seus pais estão em crise com eles mesmos e com a vida. Existe um sinal que deve ser escutado, que necessita de uma leitura, de uma ajuda, por assim dizer. Se trabalhado, pode ser bom, produtivo em termos de um futuro. Eles parecem ser jovens - em torno de 45 anos, pouco mais, pouco menos -, o que lhes dá fôlego para enfrentar mudanças, questionamentos. Repito, são pais bons e bacanas, e estão pedindo ajuda através de você.

Em que momento a crise emerge, desabrocha? Digo isto porque você nos dá um elemento por demais significativo: justo quando você entra na faculdade, o seu pai se deprime, necessita de um suporte da bebida alcoólica. Não é uma faculdade qualquer, pois se trata da faculdade dos sonhos dele mesmo, seu pai. Pode ser que ele não esteja suportando o fato de você o estar salvando em algum ponto de sua - dele, seu pai - história,



pode ser! Este fato o coloca mal diante de seus próprios ideais, que se deprime, ao invés de se regozijar com sua conquista de bom filho. Não sei, pode ser! Também é comum que a coisa se dissemine e passe para o outro lado do casal. Aqui, no caso, a senhora sua mãe.

Entendo muito bem o que deve estar se passando em sua análise. “Você está me dizendo que está com ciúmes de sua irmã, que gostaria de estar no lugar dela”, e por aí vai. Não está errado, realmente há uma fantasia de inveja e de ciúmes, por que não? Trata-se de uma cena clássica de ciúmes. Numa análise, trabalhamos os elementos das palavras que conotam uma historicidade em sua particularidade, seus sintomas, suas fantasias rumo a uma retificação subjetiva da relação de cada um com a verdade de seu desejo. Mas, para além dessas questões, há algo que se impõe como neurose familiar, algo que está colocado na realidade familiar enquanto tal, ou, se quisermos, no real da família. Você tem, em Minas, excelentes psicanalistas, com as maiores experiências nestas questões. Seus pais, com você, irão conversar com eles. Preserve sua análise pessoal, se for o caso. Senão...

Podemos afirmar que existe, em toda esta questão, um ponto muito sério, alguma coisa que fala mais alto: é o fato de seu irmão se emudecer e trancar-se em seu quarto. Dentro deste menino, emudecido, existe uma criança que está aos berros, que clama por uma ajuda e que ninguém está escutando nada. Silêncio! Este ponto diz de uma denúncia que corrobora suas suspeitas: um pai, que neste instante deixa de ser pai, que está aí muito mais como um homem que deseja. Um pai em crise que, como um homem, goza da presença da filha para alcançar sexualmente sua mulher? É possível! O peso do luto está deixando-o em frangalhos, meu caro.

Como pais suportam avançar uma vida se fazendo acompanhar do progresso de seus filhos? Mais, ainda, pais e filhos têm um preço a ser pago. Pais e filhos devem realizar lutos. Pais devem realizar o luto de seus filhos, da adolescência. Eles sofrem, também, o luto de si mesmos, enquanto pais de crianças e de adolescentes? Filhos enfrentarão o luto da criança que eles próprios teriam sido para estes pais. Luto da criança! São etapas necessárias, sofrimentos indeléveis. Quase sempre, estes sentimentos, tão caros a todos nós, não são pensados, refletidos, elaborados simbolicamente. Passamos ao largo, passamos por cima destas etapas que sustentam o porvir de um filho, ou de uma filha e também dos pais. Optamos por não pensar, não temos mais tempo para isso. Vivemos uma vida à deriva, uma vida que se institui de tendências espontâneas, que nos leva a soterrar estes momentos lógicos que nos são tão caros quanto dolorosos. Em todo caso a fatura virá depois. Muitas vezes, os preços são



altos demais, custosos demais para serem pagos com dignidade. Respondemos aos enigmas com erros, com distorções, com sintomas. Ah! O meu, o seu, os nossos pecados!

Os caminhos que a vida nos propõe, eles mesmos não são uma linha reta, não se estabelecem a partir de um movimento linear, mas, sim, por um viés descontínuo! Trata-se de um movimento conturbado, conflituoso, desajustado, esburacado, mas que tem uma função essencial para todos nós. São brechas que abrem para nos fazermos questionar, nos deixarmos ensinar, numa abertura para mudanças de rumos, no sentido de apreciação de novos argumentos, rumo a mudanças de rota. São os enigmas que a vida nos propõe, para serem decifrados.

Você pergunta qual o limite, até onde se pode avançar no contato corporal de um pai com uma filha ou com um filho, de uma mãe com um filho ou com uma filha? Até onde vamos, até onde podemos nos aproximar? É um ponto interessante. Interessante demais para encontrarmos uma resposta. Até onde? Podemos estabelecer um limite de território, de toques, de abraços, de ternura? Mesmo porque, temos, sim, uma subjetividade particular, de um lado e de outro, cabeça de um e de outro. Eis uma verdadeira questão, que quase sempre respondemos com regras, normas e proibições. DISTANCIAMENTOS! Sabemos que o uso de diálogos substitui o tocar, a aproximação demasiada corporal. Palavras. Mas, quais? Tudo isto faz parte de uma irresoluta educação. Nestes pontos da vida - pontos, aqui, em todos os sentidos -, reafirmam-se os recalcamientos, as pedras existentes nas ruas que temos que trilhar, no encaminhamento de uma vida. Aliás, sempre em crises, apinhada de conflitos.

Pais tocam o corpo de filhos até certa idade. Há sentimentos, sim, é lógico. Quais? Que tipos de fantasias, que pensamentos, limpos, sujos, café-com-leite? Em relação a nossos filhos, e às outras coisas na vida, temos todos os sentimentos possíveis e imagináveis. O que é que dará a justa medida? Então, somos monstros domesticáveis? Sim. O processo civilizatório irá nos auxiliar a domar nossas emoções.

O humano tem uma subjetividade, uma vida psíquica que o governa. Ela é movida pelos desejos que nos habitam, desejos antigos, desejos recentes. Desejos que nos impulsionam, mas que também nos traem. Tudo o que me constituiu como sujeito deu-se graças aos disparates dos desejos. Os desejos que me habitam têm suas origens nos desejos de meus pais, de meus avós e até mesmo de meus bisavós. Quando um filho ou uma filha começa a adolecer, corpo de menina-mulher, corpo de menino-homem, há um esfriamento, uma muralha, uma barreira, um distanciamento. Uma lei



se interpõe. Ambos os lados sofrem, ambos os lados se ressentem! Filhos se queixam, pais se queixam. Meu pai é muito frio, minha mãe é voraz, se eu deixar, ela me engole. Meus filhos não me beijam mais. Queixas, de um lado e de outro. Um fosso, um buraco! Poderíamos falar de uma zona em que habita o pecado? Pode ser que sim, pode ser que não. Pecados adormecidos, pecados latentes. Pecados atuantes? Gozos e desejos ressentidos daquilo que teria sido? Então, qual é mesmo o limite, quem ou o que dita as regras? O que pode ou o que deve? Alguém sabe? Que o diga, por favor. Ou, se quisermos usar a antiga e solene metáfora, que atire a primeira e única pedra. Neste campo, e somente neste, meu Deus, não temos duas pedras. Temos somente uma pedra, nada mais. Porque o campo das leis da justiça do homem aqui não tem alcance. Estas somente entram como suplência necessária. Faça isto, não faça aquilo, isto pode, isto não pode. Mas, e o meu desejo particular?

O que eu sei, e sei que não é muito, é que a única coisa que pode vir a delimitar o tocar de corpos entre pais e filhos, é a INTENÇÃO. A intenção, o desejo, a fantasia. O intencional dirá das vertentes de um desejo atravessado, de um gozo ilícito. Pecados e nada mais! E isto não depende tanto da idade. Se, por exemplo, me excito. Ou, se o filho ou filha, se excita. Sinal vermelho. Pare! Não avance o sinal, porque senão...

Em todo caso, há algo que se interpõe neste limiar, e que certamente poderá nos ajudar. Há, sim, uma lembrança constante do interdito, como lei que barra o incesto. Talvez o lugar do questionamento que cada um possa se colocar. Poder pensar o que me habita, ter liberdade de pensar meus pensamentos - todas as vielas, as ruas mal iluminadas por onde caminham meus desejos descabidos, os escombros por onde me esqueci de mim mesmo, as lacunas e rasuras mais malditas de minha alma, minha monstruosidade atroz, minha insanidade primária e insolente -, pensar, mas não agir, não atuar na realidade da vida e dos corpos. Quando penso, não necessito agir. Cuidado! Cada um, adulto, pai e mãe. Irmãos mais velhos, todos transmitem um pedaço de lei para os mais novos. Gerações que se conformam. O questionamento dos pais motiva algo de mais "saudável" na cabeça dos filhos. RESPEITO. Isso se passa, sublima o furor das pulsões sexuais e produz efeitos de boas reflexões. O RESPEITO!

Qual o pai, qual a mãe que não se delicia do contato com o corpo dos filhos? Ah! Meu anjinho gostoso, minha coisa maravilhosa, e daí por diante. Até onde podemos ir? Qual o sentido está sendo colocado neste ou naquele sentimento? Podemos afirmar: o que é da ordem do traumático já está, de antemão, na fantasia. Aí sim, reside o perigo. Fazer uso, *se fazer* usar. Será



então que este pai - aqui, enquanto, homem - está abusando? E isto é importante?

O importante, meu jovem, é que isto seja interrompido, que cesse de uma vez por todas! Você, e somente você, pode e deve falar com o seu pai. Falar firme, olhando nos olhos, de homem para homem, dizendo que isso não vai continuar. Não importa se há ou não alguma coisa abusiva, você não quer saber. O que você quer é que isto acabe de vez. Você vai falar com sua irmã, dar suporte a ela. O seu irmão carrega consigo um peso maior, ele necessita de sua ajuda. Coloque um basta, uma lei! Diga não! Isso não pode continuar!

Escute bem, meu jovem, faça barulho dentro de sua própria casa, tão silenciada em sua depressão. Dê voz à crise, coloque esta crise para falar, para soltar sua voz e para ser escutada. Eleve o tom para que seus pais possam ouvi-lo e saber que você sabe. Suas dúvidas estão colocadas, e não importa tanto em que viés elas se sustentam. Dúvidas! Opere a partir delas mesmas. Uma voz que faça, sim, escansão nesta cena, onde temos um pai, que ainda recebe em seu colo, uma filha adolescente. Uma cena talvez indigesta, fora de seu tempo, fora dos desígnios simbólicos da lei. A interdição do incesto é, em todo caso, crucial numa ordenação familiar, na consolidação de gerações. A lei, em sua família, está adormecida. Desperte-a, tente revitalizar estes pais dormentes. Pais, até certo ponto, deprimidos, pois eles mesmos não conseguem sustentar os valores reais desta função. Digo mais, meu caro, esse exercício de corte, de lei, irá valer para o resto de sua vida. Ele o acompanhará em seus passos, nos seus atos, nos seus gestos, nas suas escolhas.

Você está entendendo, Francisco? Ao colocar lei simbólica dentro de sua família, você também sofrerá seus efeitos. Discernimentos necessários, nada mais que isto. Você entende o que é o valor real de um discernimento? O bom discernimento inscreve-se como um bom olhar, um olhar de princípios que faz nascer uma ética do desejo, onde cada um poderá estar de bem consigo mesmo e com o outro, o semelhante. O bom discernimento, ele mesmo tem condições de atravessar rochas muito sólidas, de escandir palhas por onde se escondem agulhas infectadas de uma praga que se institui pelo incesto. O ensaio amoroso que versa sob o prisma do incesto engessa o trâmite de uma relação mais flexível entre pais filhos. Um verdadeiro enrijecimento das relações. O bom discernimento vai contra o incesto, ele castra os excessos e suas consequências. O discernimento dirá, sem pudor, sem constrangimento: você, meu bom pai, não pode mais colocar sua filha - ou seja, minha irmã -, em seu colo. Ela já é uma mulher.



São dúvidas que pairam no ar. Você sofre de seus efeitos, não é, Francisco? Mas são suposições, você não tem uma certeza. Por isso mesmo, me cerquei de cuidados. Todas as vezes que tocamos em assuntos onde há suspeita, confirmada ou não, de abuso sexual, de pedofílias, de assédios, tudo deve ser tratado de maneira muito, mas muito cautelosa. Temos que ser cuidadosos, pois o alarme pode ser falso, e até que se prove o contrário, teremos danos irreversíveis.

A entrada da lei pelo viés da Justiça? Somente a partir de fatos consumados, mais patentes. A lei está ali, nos horizontes, à espera. Ela existe como nossa guardiã. Este pode ser um segundo tempo, o tempo consolidação de uma certeza. Quando acionamos a justiça, não se sabe no que isso vai dar. O melhor caminho, no caso que você nos apresenta, é trabalhar estas questões pelo viés de intervenções no plano do psiquismo, de levar o sujeito a se implicar no seu ato, desviante ou não. O que não é o caso, ou o caminho, quando se tem uma certeza, uma prova contundente. Aí, sim, seria o caso de batermos diretamente nos portais da Justiça, por onde se vislumbram a contundência do olhar da lei. A lei é um enunciado puro, sem subjetividade, é a presença de uma norma que não pode faltar, ela é necessária. Quando realmente ela deve entrar? Todos os psicanalistas já tiveram, em seus consultórios, pacientes que apresentavam alguns traços, que apontam para abuso sexual, de pedofílias, e que se deslocaram com o trabalho de análise. Existem sujeitos, que se propõem a produzir mudanças significativas, que os fazem sofrer e que, por isso mesmo, se culpam. Eles querem mudar, desejam passar para outra coisa. Em outros casos, não, não é a mesma coisa.

Vamos supor a seguinte situação, já testemunhei algumas, elas são universais, semelhantes: você sai por aí acusando seu pai de estar abusando ou usando, sexualmente, sua irmã adolescente. Digo pai, porque a probabilidade é quase zero, de uma mãe abusar sexualmente de um filho ou de uma filha. A justiça certamente irá marcar sua presença. Juízes, assistentes sócias, psicólogos e por aí vai. Digamos que este é o caminho a se seguir, que se faça valer a lei. É o caminho da lei que deve ser seguido, obedecido. Tudo bem, a lei entrará em sua casa e, certamente, terá que caçar os culpados punindo-os de alguma maneira. Você sabe muito bem, meu caro jovem, que uma lei, de caráter judicial, não tem dificuldades de entrar numa casa. O problema é: quando ela sairá? O senhor seu pai, que é a espinha dorsal desta família, vai sofrer as consequências deste seu gozo, por assim dizer, desviante. Mas, com toda certeza, a família vai pagar mais caro rompendo seus laços e pilares de sustentação. Por isso mesmo temos



que insistir usando todas as ferramentas possíveis na resolução pelo viés do tratamento psíquico. Insista, seja um gigante nas suas insistências.

Poderíamos perguntar se esta é a melhor maneira de abordar esta questão, tão delicada quanto perigosa. Certo, há um ponto de sofrimento nesta família, há um sofrimento psíquico desses pais, que nomeei de os pecados dos pais. O fundamental é fazer brotar questionamentos, colocar este pai - sempre, com a anuência da mãe -, a se perguntar se não é possível uma mudança. Levá-lo a reconhecer sua necessidade de tratamento, para que haja uma demanda verdadeira, no sentido de se assumir como pai.

Você disse que sua família é boa, que seus pais são bacanas, que estão precisando de ajuda. Portanto, meu caro Francisco, não se faça gozar na posição vitimada de suas dúvidas. O gozo nas dúvidas, meu Deus, como é maravilhoso! Experimente sair desta posição que é, por essência, alienante. Não sei se pude ajudá-lo. Vamos continuar nos falando, ok?



Os que fracassam diante do sucesso

Problemas de Família

FALE COMIGO

Doutor José Nazar

No início, acreditava que era por acaso. Injustiças, perseguições rotineiras, coisas da vida, que podem acontecer a qualquer um. Por que não com o meu marido? Depois, constatei que não era bem assim, pois o fato passou a se repetir e vi que ele fazia por onde, armava toda a situação.

É isso, doutor, meu marido não consegue ficar de bem com a vida, vive em conflitos na área profissional, arrasa os laços pessoais. Ele parece fraco, não é dono de suas emoções. Peço sua ajuda, não sei como lidar com isto, como ajudá-lo, pois afeta a todos em casa, a mim e meus filhos. A menina vai bem, os dois meninos sofrem os efeitos.

Sempre que ele conquista uma nova posição, um de destaque nas empresas em que trabalha, ele arruma um meio de ser posto de lado, de perder seu lugar, e acaba saindo do emprego, fazendo inimizades. A ladainha é sempre a mesma, os superiores estão contra ele, têm medo de seu crescimento, e por aí vai. Ele não reconhece seus erros. Ele é bom naquilo que faz, todos dizem, mas o problema é o emocional.

Tenho a impressão de que ele gosta de colocar a ele e a todos nesta desgraça. Ele fica mal, deprimido, volta a beber e a fumar, dando um péssimo exemplo para os filhos!

Estou bem na minha profissão, sou advogada, cresço na firma que trabalho. Como ajudar meu marido a suportar melhor suas conquistas, levar adiante seus empreendimentos? O que devo fazer? Gosto dele, mas eu o odeio em suas quedas.

Os que fracassam diante do sucesso!

Realmente seu marido fracassa na profissão por questões tão somente emocionais que são internas a ele. Sim, ele não perde empregos por acaso, em função de seus chefes, da inveja de seus colegas, ou do ambiente de seu trabalho. Ele mesmo se faz anular em seu progresso profissional, as interrupções não vêm de fora, não são acontecimentos que venham do exterior, de onde os outros seriam os responsáveis pelos seus



erros. Em síntese, nada do plano objetivo justifica tal repetição de fracassos.

O fator causal é um autêntico distúrbio psíquico culposo que não lhe permite avançar e que determina as nuances da repetição de um insucesso, como uma função ordenadora que o condena ao fracasso. Mas, ele não tem condições de assumir sua participação na repetição dos fracassos.

Para acusar o outro, ele desiste no meio do caminho, o que recai, certamente, na figura do pai. O pai, dentro dele, seria então responsável pelo fracasso do filho. Ele carrega um dilema, uma dívida, com este pai internalizado. Muita rivalidade com este pai, a senhora entende?

Por isso mesmo, a necessidade de fracasso é, aqui, fruto de uma patologia psíquica relacionadas aos elementos da sua história de vida, de sua família, de seus pais, de seus ancestrais. Uma patologia que certamente é plena de sentimentos de culpa, que leva este pai de família a se fazer atropelar em seus próprios ideais mortificantes. Um ideal crítico que o condena ao erro, ao fracasso. A exigência de um grande sucesso, o leva ao fracasso. Ele atrapalha-se consigo mesmo a partir de um ponto que o transcende, que o ultrapassa, que o leva a fracassar justo ali onde ele tanto deseja a vitória.

Quem não quer trilhar o caminho do sucesso, brilhar, ser bem sucedido, ocupar o lugar de ideal junto aos seus filhos? Quem não deseja ter êxito em suas realizações? Desde criança somos educados para termos sucesso. Ninguém recebe como modelo o fracasso, os exemplos negativos. Hoje, mais do que nunca, educamos filhos para habitarem o território da conquista vitoriosa. Porque, então, alguém iria caminhar para o pior? Ou seja, gozar na desgraça, uhh! É, no mínimo, paradoxal, não é mesmo?

Seu marido possui uma familiaridade com o fracasso, ponto onde ele salva este pai que se tornou feroz dentro dele. Ele se faz pacificar com o pai. Se ele vence e alcança seus objetivos maiores, fica mal com o pai devedor. Por isso mesmo, vê-se comprometido com seu sofrimento psíquico, que não lhe permite seguir em frente. Tem de retornar sempre ao mesmo ponto de desilusão, como uma maneira clara de desfazer a possível construção de um possível sucesso. A maneira que ele encontrou foi retornar ao ponto de partida: pacificado na perda.

Em todo caso, há neste sujeito uma espécie de apego amoroso ou até mesmo uma verdadeira paixão pelo fracasso. Ele não se permite alcançar êxito; isso é doído, leva-o a ratear frente a seus ideais. O sucesso teria sido



demais para seu marido. Ele goza, sente-se reconhecido e amado na perda. No plano consciente, ele diz que não quer fracassar. Isto é verdade! Ele quer ser um vencedor, ocupar cargos de chefia, avançar profissionalmente. Mas, não é o que acontece! Ele caminha numa direção contrária àquela preconizada de antemão. “Digo para mim mesmo que quero vencer, mas, quando vejo, lá estou novamente caminhando rumo a um desgaste nas relações, que me leva fatalmente à ruptura, ao fracasso”. Eis a questão!

Que desencontro é este? Todos, uns mais, outros menos, carregamos um horror ao êxito. Este pai de família, ele mesmo não consegue querer aquilo a que se propõe, pois caminha contra seus propósitos, contra seu querer.

Qual a lógica que preside este conflito? O problema que seu marido apresenta é assunto que ilustra o cotidiano de nossa mídia. Este tipo de questão está nos jornais, na televisão, na rede virtual. É o prato do dia da imprensa, a senhora quer ver?

Grandes nomes do futebol, da noite para o dia, se machucam, entram num desacordo social, caem na onda de um uso e abuso de drogas e bebidas alcoólicas, engordam, perdem a boa forma. Também acontece com alguns atores de cinema. Logo que se tornam famosos, caem na desgraça e, às vezes, até mesmo na morte. O sucesso pode machucar, ele pode ser perigoso, causar danos irreparáveis, quando o próprio sujeito se apresenta sem condições de suportá-lo. O sucesso, pode ser muito perigoso.

Mas, certamente, dirão: todos querem o sucesso, quem não quer o sucesso? Como administrá-lo, como suportá-lo? Não é fácil, não existe outra saída senão um autêntico trabalho do inconsciente, através de uma psicanálise. Freud escreve um belíssimo texto sobre este assunto, ‘as exceções’, sendo um deles então nomeado: “os arruinados pelo êxito”.

Todo e qualquer fracasso profissional, que se torna repetitivo, é de cunho estritamente emocional. É fruto de uma emoção truncada, amordaçada, que vige nos escombros da alma, como resposta de uma posição traumática, escrita na historicidade da infância de alguém. Trata-se de um ponto da vida psíquica onde o sujeito é condenado a repetir esta emoção muda e sem vida, desconstruída de um contexto mais simbólico, onde ele mesmo possa se permitir avançar mais e mais.

O sujeito que goza no fracasso, e que se torna fissurado na derrota de um percurso de sua vida, comemora um traço sofrido justo porque tem



medo do sucesso. Este seu marido, minha senhora, deve ser bom naquilo que faz, mas que, por isso mesmo, teme o sucesso.

O problema maior é que ele não sabe o que está fazendo. Isso se dá sem que ele se saiba caminhando rumo a uma derrota psíquica. Mas, não é porque ele quer. Pelo menos no plano consciente, ele é bem intencionado. Ele é agido, é levado a recordar este ponto de um fracasso, pois tem medo de pensar numa capacidade maior que o habita. Há, sim, algo mais forte que o leva a se desencaminhar em suas realizações, algo que o habita, que mora dentro dele e que o leva a transgredir o bom encaminhamento das coisas. Esta emoção desconhecida, tumultuada, é um ponto onde ele não pensa. Ele faz sem pensar rumo ao fracasso, é a necessidade de fracassar quem dá as cartas, é levado a fazer somente de uma maneira. Dá para entender? Ele faz contra ele mesmo!

Como é possível alguém jogar contra si próprio, mesmo que acredite que está fazendo o melhor, que pretende vencer, construir degraus rumo ao sucesso? Como conceber este nó na vida de uma pessoa? O que quer alguém na vida, senão o sucesso? Eis aí uma questão que é imprópria ao nosso querer!



Por quem nossos filhos se drogam?

Problemas de Família

FALE COMIGO

Doutor José Nazar

Caro doutor

Sou mais um pai à procura de ajuda para uma família em crise, desestruturada, em função de um filho de 17 anos de idade, que é usuário de drogas e que transformou nosso lar num verdadeiro inferno. O senhor sabe o que é isso, doutor, ter um filho que é dependente de drogas dentro de casa, sem poder fazer nada para ajudá-lo? Estamos vivendo num buraco escuro, sem esperança alguma em relação ao seu futuro.

Minha família sempre caminhou bem, aparentemente em ordem. Estou casado há 24 anos. Sou pai de três filhos - duas moças e um rapaz -, até pouco tempo atrás, eu tinha uma família exemplar. De dois anos para cá, meu filho menor, o caçula, deu para usar drogas. Começou com maconha e depois passou para cocaína.

As duas moças estão ótimas, já estão encaminhadas, com uma vida normal. Sempre tratamos todos de maneira igual, com muito amor, muito carinho e preocupação com o futuro. Nunca lhes faltou nada, trabalhamos para dar o de melhor para eles.

Eu e minha esposa temos uma vida de muito trabalho. Éramos respeitados, tínhamos vida social. Não temos mais vontade de fazer as coisas que fazíamos. Vivemos vidas trancafiadas, estamos recuados e com medo do julgamento dos outros. Fazemos parte de grupos religiosos, somos pessoas do bem. Hoje nossa vida é cuidar deste filho, nada mais.

Não tem ninguém em nossas famílias que tenha usado drogas. Não entendemos porque esse menino faz essas coisas. Por que ele está querendo nos envergonhar desta maneira usando todos os tipos de drogas? Isso é genético, é químico, é o quê? Isso tem cura?

Sempre fizemos todas as vontades deste garoto. Ele foi muito esperado, mas tem alguma coisa muito errada com ele. Queríamos um filho homem. A culpa não nos deixa em paz.



Já fizemos de tudo. Seguimos a orientação de bons especialistas sobre o assunto, principalmente de profissionais da cidade São Paulo. Ele já foi internado duas vezes em clínicas especializadas. Tomou medicações específicas, fez terapias, e temos acompanhamento familiar. Não temos tido respostas positivas. Ele abandonou os seus estudos, não quer mais saber de ir ao colégio. A situação é tão grave que ele rouba dinheiro e objetos de casa para comprar drogas e some, desaparece por alguns dias, ou fica trancado dentro de seu quarto, num total descaso corporal, sem tomar banho. Não consigo colocar limites e já chegamos ao absurdo de brigar fisicamente, ou seja, ele me provoca a tal ponto que faço coisas contra todos os meus princípios. Confesso que já bati nele algumas vezes. Hoje ele é muito mais forte do que eu, não tenho como enfrentá-lo.

É isso, doutor, não sabemos mais o que fazer. Nossa casa que era um lar saudável, tranquilo, hoje é um verdadeiro inferno. Não conseguimos receber mais os nossos amigos e parentes. Ficamos escondidos por detrás da nossa própria vergonha, essa é a verdade. Obrigado.

José de Souza.

Por quem nossos filhos se drogam?

O SEU FILHO NÃO ESTÁ DOENTE SOZINHO. Ele não está sozinho nesta história. Ele está explicitando, com o uso e abuso de drogas, um transtorno psíquico desta família em crise. Sua vida conturbada, arrastada por este vício estorpecedor, explicita bem um distúrbio da história deste casal. Há algo que não está funcionando neste par como homem e mulher, nesta necessária vida conjugal. Trata-se de uma sexualidade que se encontra adormecida sob os escombros das vestimentas de um pai e uma mãe.

A crise que tomou conta da vida deste jovem, imersa no mundo de satisfações plenas que o uso de drogas propicia, vem mostrar ao céu aberto que há um distúrbio grave na genealogia desta família. Poderíamos dizer que há, aí, uma patologia do desejo que paralisa o casal. Pai e mãe, paralisados sob o véu da vergonha, voltados tão somente para a vida conturbada deste jovem, não conseguem se questionar sobre o que realmente está se passando. Em todo caso, um casal contaminado por desejos gravemente enfermos, adormecidos, mortificados, silenciados, que somente encontra voz na vida compulsiva deste filho que se vê sendo visto, nos limites da vida, enamorado pelos desígnios da morte. O que isto representa na vida deste casal? Não há perguntas. Há algo, digamos, que



quer por quer falar e que não está encontrando meios de ser escutado, senão pelo uso e abuso de drogas deste filho, jovem ainda.

Há, portanto, no seio desta família, uma coisa que sofre e que necessita encontrar palavras que venham nomear este sofrimento, uma coisa que pena em suas dores mudas e que está à procura de um canal, de um veio, de uma brecha, de uma fenda, de possibilidade de ser falada e escutada. São palavras que querem sair a qualquer custo e que não encontraram, ainda, suas chances de serem colocadas, a não ser pelo meio da crise de uma dependência às drogas.

Sua família está doente, meu senhor! E não há porque se envergonhar sobre este fato. Vergonha! É muito cômodo se esconder por detrás deste sentimento. Garanto que se o seu filho estivesse, por exemplo, com um câncer, no real de seu corpo, o senhor e a sua família estariam mais abertos em suas vidas social, abertos às devidas condolências de um gozo convocado pela posição de vítima. Mas, o fato de se tratar de uma dependência às drogas, as coisas mudam e isso deve ser vivido, às escondidas, não é mesmo senhor José de Souza?

Ah, os preconceitos! Por favor, não se esconda por detrás destes sentimentos bastardos. Simplesmente enfrente este seu problema com dignidade. Deixe a vergonha de lado, mostre sua cara para si mesmo e para seus amigos, e lute para ajudar o seu filho, mas sempre se implicando. Pergunte-se qual a tua parte nesta história? Não deixe o teu filho sozinho nesta aventura mortificante que é, ao mesmo tempo, tão dolorosa quanto insólita: difícil de ser enfrentada, mas não impossível de ser vencida. Porque o senhor e sua família estão todos juntos nesta. Procure se incluir, incluindo-o. Certamente o senhor terá a melhor família do mundo, ou seja, a tua família. Adote este teu filho em crise, assumo, por favor, a tua família como ela é. O senhor verá a família mais linda do mundo!

A doença desta família, tendo como porta voz o filho caçula, nada tem a ver com as drogas. As drogas, aqui, são uma simples fachada, um meio de chamar a atenção para algo que não vai bem, mas ainda está com vida para ser vivida. Elas comparecem como pedido de ajuda para um sofrimento que é muito grave e que se alojou neste menino, como um filho que é ao mesmo tempo um fim-da-rama, o último de uma série. Lembre-se: ele é o último da série familiar, ele é um filho homem, ele leva o seu nome, o patronímico que deve ser transmitido para gerações futuras. Este filho carrega o peso, que é o peso dos ideais parentais, de sustentar uma geração e caminhar rumo à fundação de uma nova geração. A droga está aqui para amenizar a dor das exigências implícitas nos ideais de sustentar a



função do pai, diga-se, de salvar o fracasso deste pai enquanto função simbólica. Um pai envergonhado!

Em todo caso, temos que demonstrar, neste problema de família, que lugar as drogas ocupam na vida deste jovem. A pergunta que se coloca, de saída, é: por que nossos filhos se drogam? Mas podemos avançar e forjar a seguinte inflexão: POR QUEM NOSSOS FILHOS SE DROGAM? De que lugar, da sua subjetividade, ele comemora um traço maldito desta historicidade familiar? Quem em mim se faz drogar? De que lugar eu me faço drogar? Para quem, e para além de mim mesmo, habita o mais íntimo de meu ser fazendo-me drogar às últimas consequências?

Quando alguém elege uma droga, esta escolha não é inocente. Ela se dá e se promove a partir do estatuto inconsciente de um sujeito particular. Por isso mesmo, uma droga, por si só, carrega o acasalamento de uma significação que diz da história deste alguém em uso.

Realmente, este testemunho retrata, mais uma vez, a triste e cruel história de uma realidade que poderíamos dizer maldita, que faz nascer uma tristeza que se avoluma e se multiplica a cada dia, a cada hora, a cada minuto. O uso e abuso de drogas é uma praga, uma verdadeira epidemia, e não sabemos quem será a próxima vítima. Hoje é o seu filho, senhor José de Souza, amanhã poderá ser o meu, e por aí vai. E não sabemos muito bem no que vai dar, qual é nosso futuro em relação às drogas. A tendência é para o pior, pois novas drogas não cessam de ser fabricadas. As drogas sintéticas galopam com os passos que são os da ciência, das novas tecnologias, com uma velocidade nunca antes imaginada. É a ciência a serviço do homem para o que der e vier, a serviço de um gozo obturador, rápido e aniquilador.

Um filho, na flor da juventude, refém das drogas. Que maldição, meu Deus, mas que desgraça! Existiriam outras palavras para descrever tal situação? Será que temos alcance sobre o inferno que é isto? Pais, bons e bacanas, que vivem para seus filhos e, de repente, se defrontam com uma situação das mais terríveis e traumáticas da atualidade, onde temos um filho imerso na loucura de uma dependência de drogas, que vive uma vida desordenada, desorientada, acarretando sofrimento para todos: pais, irmãos, parentes e amigos. É como se fosse uma morte em vida. Como se eu visse meu filho definhando, se fazendo consumir por um vício que o deteriora em vida, sem nada poder fazer, sem nada poder falar. Eu estendo a mão, mas não encontro retorno, é como se eu pegasse vazio, nada mais.



Uma realidade, entretanto, excessivamente dolorosa, que tem se repetido em algumas boas famílias, famílias estruturadas, mas que já não sabem mais o que fazer. O que procurar? Como proceder nestas horas tão amargas? Como ajudar este filho, jovem ainda, a se libertar das amarras demoníacas de um vício consumidor? Em qual porta bater?

Há famílias que certamente procuraram fazer o melhor para seus filhos, se anteciparam aos possíveis infortúnios, mas, mesmo assim, caíram em desgraça e se tornaram vítimas de uma situação traumática, difícil de lidar, onde muitas variantes estão em questão. Mas este jovem teve, em seus pais, eternos fornecedores de tudo e pouco mais. Eles não deixavam faltar nada para seus filhos. Um erro, sim, esses pais não permitiram que este filho enfrentasse faltas, frustrações, falhas próprias da vida, impedindo que pudesse se virar com a própria falta, que é inerente a todos nós. O mundo, o submundo das dependências, será que temos mesmo idéia do que vem a ser isto? Usar uma droga, ser usado por uma droga, se fazer usar por uma droga, será que temos coragem de nos perguntar o que é este vício dos vícios, este vício maldito? Quais são seus desdobramentos, sua vertente de gozo numa dor de existir, suas derradeiras conseqüências? As drogas: um caminhar em direção à destruição! Como e o que fazer para enfrentar este verdadeiro câncer em nossas vidas?

Os governos têm feito sua parte neste embate. Têm feito, sim, mas os resultados não são satisfatórios. São precários, porque nós mesmos não estamos fazendo nosso dever de casa. Não temos feito a parte que nos cabe como cidadãos. Há uma demanda explícita tanto do traficante quanto do consumidor. Nesse sentido, qualquer política governamental ficará garroteada entre um e outro, tornando-se refém das partes interessadas. O desejo de consumir e de ser consumido é infinito. Ele será sempre maior e mais avassalador. Somos verdadeiros hospedeiros de uma incógnita, de uma constante fuga da realidade, que diz de uma obscena insanidade, que o consumo abusivo de drogas pode traduzir. Nós não queremos realidade, viver possíveis frustrações, mas sim o gozo mortífero que uma droga pode nos proporcionar, de preferência que venha facilmente preencher uma falta que é própria à existência humana.

O que fazer, como nos protegermos deste exército invisível que invade nossos lares, nossas escolas, nossas ruas?

O que leva um jovem a se drogar? Alguns jovens, não poucos, não querem saber de usar drogas. Uma maioria absoluta nem mesmo experimenta, nem perto chega. Outros experimentam e pulam fora. Muitos usam e "sabem" administrar o seu uso, o que comumente se denomina,



usuário social, são pessoas que gostam de usar drogas nada mais que isto! Usam drogas como um meio de continuar vivendo. Eles trabalham, cuidam de suas vidas, não deixam de fazer suas coisas por causa da droga. Pelo contrário, muitos deles somente conseguem fazer com auxílio dela. Neste sentido, para estes, as drogas funcionam numa similaridade com os antidepressivos.

Mas é aqui que reside o problema maior, senhor José de Souza, e onde se insere a questão de seu filho: por que alguns poucos entram de cabeça na onda, e não conseguem dela sair tão facilmente? E ainda: neste caso não se trata de querer ou não querer sair, o problema é que eles não conseguem deixar de usar e serem usados pelas drogas. São sujeitos que necessitam e que se tornam delas dependentes para viver. Dependente é aquele que depende de algo, de algo que não pode faltar: **NECESSIDADE!** Por quê?

Existiria uma predisposição à dependência, desta ou daquela droga? Há correntes que acreditam numa herança genética, em disposições multifatoriais. Nada está comprovado. Diríamos que não existe, de saída, qualquer predisposição. Não acredito numa dependência química como uma categoria que possa se escrever como uma estrutura patológica. Acredito, sim, em fatores traumáticos da vida psíquica de cada um, que levam em conta o sujeito do inconsciente, uma vida psíquica frágil, fruto de uma historicidade que vem dos ancestrais. Cada sujeito, no âmbito de uma particularidade, porta um buraco em sua vida, e tudo irá depender de como ele irá a se virar com isto.

Por que meu filho se droga? Mais, ainda: e por que desta maneira, tão intensamente agressiva, onde não temos mais limite algum? É ele quem consome a droga ou é a droga que o está consumindo? Por que este jovem não está suportando viver? Por que ele está precisando se acabar, desejando morrer? O que está por trás desta compulsão à morte? Qual a angústia que o assola, o queima tanto por dentro, levando-o simplesmente a aplacar este tormento? Será que temos meios de nos antecipar a este quadro? Eu poderia então dizer, para mim mesmo, estou fazendo isto e aquilo para que amanhã meu filho não se torne mais uma vítima do uso de drogas? Sim e não.

Eu disse, logo de saída, que o sofrimento estava alocado nas pessoas próximas, nas cercanias familiares, pessoas que amam este jovem em uso de drogas. Ele mesmo não sofre. Ou pelo menos não tem consciência de sofrimento algum. Com a droga, sob o efeito destemido da droga, ele é todo prazer. Como também o é na comiseração, na miséria que ele mesmo



se impõe, ele é todo prazer. Ele é todo prazer também quando todos sentem pena ao vê-lo como objeto degradado, brigando, roubando, para mais uma vez se fazer consumir. O sujeito que cai para esta posição de objeto, degradado, ele é por si e em si o próprio consumo. Dá pena, dá dó, coitado! Nesta família o sofrimento está afeito e se solidariza àqueles que rodeiam este jovem, seus próximos, porque, ele mesmo, infeliz, sofre? Não. Ainda não! Por enquanto, a ficha não ainda caiu, ele somente faz o outro – aqui, seus pais, irmãos, parentes, amigos – sofrem, às últimas consequências. Ele ainda não sofre. Nada falta, ele não sente falta. Quando ele realmente começar sofrer, seu tratamento terá seu início. Até agora, meu senhor José de Souza, todos tentaram tratá-lo. Menos ele, ele ainda não abriu portas para pedir algo, distinto da droga. Talvez ele tenha que começar a querer, a desejar sair desta situação. Porque até agora todos querem por ele. Ele vive dentro de si mesmo uma vida escondida, ele está com medo de sair, de participar, de fazer parte. Este jovem que vive às escondidas, por detrás das drogas, está com medo. Medo de quê? Da vida? O QUE SERIA ISSO?

Agora, senhor José de Souza, preste muita atenção no que vou lhe dizer, porque parece-me que o senhor não está familiarizado e não tem sensibilidade suficiente sobre o que é um transtorno psíquico, um problema de cabeça, um sofrimento da alma, por assim dizer. Seu filho iniciou esta perigosa aventura com drogas para sobreviver. Acredite: uma sobrevivência, contra um mal muito maior. O uso de drogas foi, até agora, o que salvou seu filho da morte, de algo mais danoso, de um estado depressivo e melancólico grave. A droga foi uma maneira que este jovem encontrou de se proteger da doença do casal. Ela, talvez, estivesse funcionando, como um escudo contra a invasão de um gozo materno avassalador. Justamente ali onde era esperada a interdição do pai contra este gozo materno incestuoso, ele lançou mão das drogas. Ele mesmo não suportou o peso dos ideais colocados sobre seus ombros, as expectativas de um filho homem, para então falhar no relançamento do nome na genealogia desta família. Na realidade, este filho atualizou um fracasso deste pai enquanto função paterna, enquanto lei do pai. O pai, enquanto lei, barra o gozo incestuoso mãe-filho. Portanto, este jovem, em sua sintomática, dá mostras de que alguma coisa não funciona neste casal: eis a verdade deste casal. Portanto, coube a ele carregar este peso, este fardo, daí sua necessidade de se fazer anestesiado de uma dor maior, usando e abusando das drogas, como um chamado, uma chamada de atenção. Um sinal, sinalizando o sôfrego lugar que ele sempre ocupou frente ao desejo dos pais.



O senhor, então, pergunta qual a causa, que é a pergunta de todos, de onde vem isso que leva alguém a se tornar dependente de uma droga? Genética, biológica, fisiológica? E isto leva para algum lugar? O que realmente importa é colocar questionamentos, fazer a coisa andar, intervir colocando o sujeito em questão, a falar das suas razões. Por que não pode ser diferente? Vemos como a ciência, a partir das tecnologias, sempre à frente, procura explicar, dar lições, demonstrar dados estatísticos, e nada! A coisa continua, reprime-se, o que faz cair números e dados, mas, nada! Dopamina, e por aí vai. Mercado. Especialistas. Ligue a televisão e vamos encontrar especialistas dando, durante uma hora, explicações sobre dopamina e seus efeitos euforizantes, e nada. Procurem, sem falsificações, verificar os resultados. Nada, ou quase nada! Remédios, internações, terapias, conselhos, religiões, e nada! Surgem vacinas contra os efeitos eufóricos da cocaína. Os resultados, já anunciados, quase nada! Talvez devêssemos apostar mais e mais na fala, no bom uso da palavra, quem sabe? Ou seja, na construção de lutos.

Então, o que é este inferno? É realmente um inferno! Não há outra definição para estas invasões bárbaras.

O que fazer com este jovem enlouquecido em sua dependência às drogas? Como deslocar e produzir um corte a esta compulsão mortífera que leva o sujeito a viver um gozo de uma satisfação plena e imediata, uma vida sintomática sem a mediação de uma lei que possa abrir para novas perspectivas de uma vida de desejo? Como introduzir um corte nesta repetição? Pois esta situação, que se repete e atormenta esta família, mantém este jovem numa posição de alienação infantil a partir da qual todos se voltam para ele.

Há uma receita já pronta, um caminho a seguir, um código de rota? Faça isto mais aquilo e pronto, teremos a cura deste jovem! O senhor mesmo, José de Souza, já fez tentativas bem intencionadas, seguindo tratamentos que podem dar certo. Mas não no caso de seu filho. Muitas coisas já foram feitas e o senhor jogou no lixo seu precioso tempo, sua dignidade, o dinheiro ganho com o suor do trabalho do casal, e as coisas continuam sem resultado algum. Seu filho vem se fazendo degradar justo no momento mais importante da sua vida, das definições, dos encaminhamentos da sexualidade e de projetos para o futuro. Tempos da adolescência, daquilo que teria sido de uma riqueza sem tamanho. Tempos que se esvaíram numa estranha crise, tão insólita quanto paralisante. Tempos que se foram e que não voltam mais.



Temos de encontrar um encaminhamento. Construir uma meta mais segura e condizente com uma cura, no sentido de passar para outra coisa. Uma nova chance, nova tentativa de abordagem. Há que se insistir, avançar, acreditar que é possível. Temos que arriscar uma pontuação, procurar dar sentido a este texto tão desarrumado em que se encontra esta família. Uma intervenção que possa se sustentar num viés lógico, a partir de uma prudência que, certamente, irá produzir mudanças significativas.

Por favor, senhor pai em sofrimento, interrompa, mesmo que abruptamente, tudo o que estiver fazendo em relação ao tratamento deste seu filho. Se até agora nada deu certo, vamos tomar outro caminho, outra estrada. Interrompa tudo o que estiverem fazendo, há que se passar para outra coisa. Como, de que maneira?

O senhor irá conversar com um psicanalista, procurar colocar a casa em ordem. Entregue seu filho para que ele possa escutá-lo sobre o que está se passando. Dê as rédeas para que este profissional possa conduzir o tratamento, indicar um psiquiatra, uma abordagem familiar, uma abordagem, se for o caso, multidisciplinar. Que haja um movimento em direção à cura. Questionamentos! O fundamental é que o senhor possa realmente entregar seu filho para um bom profissional, para que este se responsabilize pelo tratamento de seu filho, no sentido de acreditar numa possibilidade outra de viver a vida. Não há necessidade alguma em buscar profissionais fora de sua cidade, em outros Estados. Isso é um engodo, uma ilusão. Ninguém vai resolver o problema de seu filho se o senhor mesmo não se implicar. Qual sua parte nisto tudo? O fundamental é que este profissional tenha condições de assumir o caso, que ele adote seu filho em suas questões desencontradas, que se encontra atrapalhado nesta história. Por favor, não acredite nestes profissionais que se dizem especialistas, nestes que se intitulam especialistas em pacientes que estão dependentes de drogas. Se a questão é sempre mais ampla, como focar tão somente na dependência? Isso não existe, é uma das picaretagens de mercado. O senhor tem aqui mesmo, em Vitória, excelentes profissionais. Há que se insistir num direcionamento e isso leva tempo, pois como disse, o problema é mais amplo do que se possa imaginar. Trata-se de uma reconstituição da historicidade deste jovem em sua relação familiar e social.

O mais importante é que haja uma mudança radical nas relações dentro da família, do lugar que este jovem vem ocupando frente ao desejo destes pais. Deixe a crise deste jovem em paz, pois todos estão dando importância demais, todo olhar está voltado para ele em crise. Seu filho deve ser escutado em seu desejo, nada mais que isto.



Não resta a menor dúvida. Este jovem está se acomodando nesta crise, pois tem toda atenção e todos os olhares sobre ele. O que é que ele quer para além do que ele se apresenta nesta crise? O que o impede de sair desta crise? Todos estão olhando demais para sua crise, e isto não permite que ele seja alcançado em sua particularidade de sujeito, no sentido de se responsabilizar pelo que está passando podendo vir a sofrer os efeitos do uso e abuso de drogas. O olhar, todo esse olhar, que a ele se dirige, deve ser desviado, dirigido para outras coisas, que não este jovem em crise. Única condição de abertura para constituição de uma castração, ou seja, o luto. Este todo olhar, caso não seja deslocado, esse olhar excessivo, torna-se uma droga que irá fazer parte de uma mesma série: este todo olhar, dirigido ao transtorno deste jovem, pode funcionar como um objeto paralisante e obturador do desejo. Ele está doente de outra coisa. Ele não está doente pelo fato de estar dependente de drogas. As drogas o salvam de um mal bem maior, elas servem! Acredito que o senhor conheça muito bem a história que diz que o buraco é mais em baixo. Não existe doença de drogas, de adicção, de seja lá o que for relacionado a este quadro que ele vem apresentando. A droga é a fachada, é o chamado, é o pedido de ajuda. Ele, o seu filho, pede ajuda a partir das drogas. Ele está doente de alguma outra coisa, de algo desta família, que não anda bem, que precisa ser dito, falado. Ele está pagando um preço de algo que não é dele, que é da historicidade própria desta família. Algo que está encarnado nele, sim, e que ele não está conseguindo falar o que é, porque esta sua família nunca esteve em condições de ouvir o que ele tem a dizer. O senhor entende o que estou dizendo? Não? Vou explicar melhor.

Este jovem está explicitando, com o uso de drogas, que esta família tem um problema sério com o futuro das gerações. Há um emperramento. Um peso muito grande sobre ele. E isso precisa ser falado. Deixem ele se acabar com as drogas. Diga isso a ele. Você quer se acabar, você deseja morrer? Isto é problema seu. Vamos ficar triste, é lógico, mas vamos continuar vivendo nossas vidas. Com o tempo vai passar. Agora, senhor José de Souza, insista, faça um esforço maior, e aborde sua mulher na cama. Vocês dois, marido e mulher, devem se descobrir, na cama, como homem e mulher. Tome sua esposa também como uma mulher. Procure lidar melhor com ela sexualmente, na cama, faça-a ela se sentir mulher, e não somente mãe. O gozo desta mãe é a droga de seu filho. Entenda esta frase ao pé da letra. Aliás, se o senhor já tivesse feito isto, nada teria acontecido com o seu filho que está tentando, com o uso abusivo das drogas, salvar este casamento que não anda bem. Cá entre nós, certamente, há muito tempo.



Drogas existem desde o início da civilização. Com o tempo, houve um desdobramento, drogas lícitas, aquelas que são permitidas por lei, que circulam no mercado, tributadas pelos Estados, algumas testadas em seus efeitos nocivos ou não. Neste campo encontramos drogas que somente são obtidas com prescrição médica e drogas ilícitas; estas que têm a propriedade de causar satisfações desmedidas, elas sempre caminham fora do enquadre socioeconômico, fora de uma lei vigente em mercados de algumas sociedades, elas circulam a partir de um campo restrito, então nomeado de narcotráfico. São drogas não aceitas - até que se possa mudar ou não uma lei que venha inseri-las no mercado -, proibidas, porque a elas são creditadas uma capacidade de viciar e de causar danos, digamos, aos indivíduos e às sociedades como um todo. No primeiro grupo, temos os psicotrópicos, a bebida alcoólica, o cigarro, e outras coisas mais. No segundo grupo, temos uma variedade, maconha, cocaína, heroína, e por aí vai.

Por outro lado, temos o homem e seus vícios cotidianos, aqueles que lidam mal com uma falta que lhe é estrutural, fundadora de seu psiquismo, com as frustrações que a realidade da vida nos impõe. Os vícios se apresentam das mais variadas maneiras: alguns são mais intensos, outros se apresentam mais leves. Tudo dependerá da estrutura psíquica do sujeito em questão. O buraco que cada um de nós carrega, em seu viés particular, formula uma história do vício e seu objeto. Não existem dois vícios iguais, cada um é cada um. São formas particulares de se fazer viciar nisto ou com aquilo. Pode ser droga, bebida alcoólica, jogo, cigarros, alimentos. Muda apenas o objeto. Mas temos os vícios em suas versões e vicissitudes que denotam posições subjetivas frente à vida, frente ao outro: perdas, sofrimento, corrupção, fazer o outro sofrer, se fazer sofrer, fracassos, posições vitimadas, fracassos no amor, fracassos diante do êxito. Estas posições subjetivas podem demarcar uma versão particular do vício: o sujeito não consegue sobreviver fora delas, é caso de vida ou de morte: é isto ou o nada.



Como ser um bom pai

Problemas de Família

FALE COMIGO

Dr. José Nazar

Estou perdido em relação à educação de meu filho. Sou casado há seis anos e temos um menino de 3 anos de idade que transformou minha vida num verdadeiro inferno. Sei que o problema não está nele, mas em mim. Ou nos dois, sei lá!

Conversei com alguns amigos, professores e especialistas sobre a minha questão com este filho e todos foram unânimes: isto é coisa de filho único. Eu e minha esposa decidimos ter somente um filho. Foi uma decisão consciente, bem pensada, muito discutida. Somos médicos e trabalhamos muito. Somos muito bem realizados profissionalmente.

Dirijo-me a você para pedir ajuda. Não consigo agir como pai, o pai que eu imaginava ser para meu filho. Estou sem rumo, sem saber o que fazer. Sei que violência não adianta, jamais faria isso. Vivo tenso, nervoso, irritado e sem paciência com meu filho. Não consigo funcionar como autoridade junto a ele. Meto os pés pelas mãos, me atrapalho todo, acabo cedendo. Para ser sincero, estou sem saber como me posicionar: este filho não me obedece, vai contra tudo que eu digo, e agora deu para me peitar. A coisa chega a tal ponto que nós dois parecemos dois irmãos!

Sinto-me envergonhado de dizer, mas observo que a cada dia eu vou ficando sem lugar dentro de casa. Ele tem ocupado cada vez mais o meu território, vou ficando de fora, até mesmo com minha esposa.

Veja a que ponto as coisas chegaram: sou flamenguista doente, toda minha família torce para o Flamengo, isso faz parte da minha história e vem de algumas gerações. Para me sacanear, recentemente ele deu para torcer para o Botafogo, que é o time do meu sogro, meus cunhados, ou seja, do lado da família materna. Eu sei que é para me tirar do sério, bater de frente comigo. O que fazer? Aprendi que não devo intervir, que devo deixá-lo à vontade nas suas escolhas.

Mesmo antes de ele nascer, eu já me preocupava: como iria agir, como me comportar, como dar bons exemplos? Lia livros que procuram explicar como ser um bom pai. Frequentei cursos e palestras sobre como



educar filhos e de nada adiantou. A ênfase estava colocada na importância de colocar limites. Mas, é justamente o que não consigo fazer, pois fico com pena dele. Tudo soa como algo frouxo! Sempre fui um bom filho: obediente, cumpria minhas obrigações, estudava até demais e respeitava os limites. A voz do meu pai era lei para todos dentro de casa. Bastava um olhar e lá estava eu obedecendo o que era determinado por ele e por minha mãe. Parece que não tenho voz dentro de casa.

Meu filho agora deu para dizer que está com medo à noite e não consegue dormir sozinho em seu quarto. Com isso, ele se enfia na nossa cama e dorme no meio do casal. Eu e minha mulher não temos mais intimidade alguma. Procuo de todas as maneiras seguir à risca o que seria um bom pai. Dou amor e carinho até demais, faço tudo que ele me pede, mas não consigo colocar ordem, limites, ou seja, não consigo ser pai. Nunca bati no meu filho, embora sentisse vontade de dar uns cascudos nele. No início eu contava até dez para não bater. Agora já estou contando até cinquenta. Tornei-me dependente de seus caprichos e de suas tiranias. O que fazer?

César Augusto Pontual.

Como ser um bom pai?

Uma história interessante, no mínimo fenomenal, pois retrata com o máximo de fidelidade o que se passa nos bastidores de uma família. Vejam como estamos em relação aos nossos filhos: somos verdadeiros reféns de seus caprichos pelo viés da culpa. Meu Deus!

Quando um pai adormece e não ocupa efetivamente seu lugar de lei, o filho toma conta do seu território, fazendo casal com a mãe. Uma luta de prestígio, de vida e de morte? Uma verdadeira disputa em torno de um mesmo objeto: a mãe.

Meu caro, nunca queira ser um bom pai para seu filho. Aliás, nunca queira ser o pai. Simplesmente deixa-te ser o pai que você é, o pai que você pode ser em sua autenticidade, nada mais que isto! Ocupe *este lugar* que lhe é oferecido pela mulher que está na origem desta criança. Isso não é pouco, isso não é fácil. Corra, ande logo, porque senão seu filho chegará primeiro. Ah, seu capetinha infernal! Eu te coloquei no mundo, te dei tudo e agora você quer tomar a única coisa que me restaria? É isso mesmo, apresse-se e ocupe seu lugar, o lugar que é o seu, porque senão nada lhe sobrar. De todo modo, cabe perguntar: qual é o teu desejo?



Mas será que você deseja mesmo ocupar o lugar de pai? Há, em seu querer, algo falho, algo dividido. Será que você quer mesmo funcionar como pai? Acredito que a coisa chegou onde chegou porque você é esse menino que quer a mãe como única e para mais ninguém. Uma criança que permaneceu em instância no seu inconsciente com a qual você se compraz e se delicia através de seu filho. Você o usa para preservar um gozo materno que seu próprio pai não deu conta em relação à senhora sua mãe. Vamos ver, vamos seguir.

A doutrina psicanalítica propõe a seguinte equação: é a mãe quem funda o pai, é quem dá as primeiras cartas no sentido de transmitir ou não a palavra do pai, como efeito de lei. Isto não é gratuito, tem um custo altíssimo, é caro demais, tanto para a mãe quanto para a criança. Para alguém ocupar este lugar de pai, ele mesmo deve portar alguns atributos ou insígnias que são necessárias para tal empreitada. De todo modo, há uma dignidade em jogo que sinaliza um desejo particular. O lugar a ser ocupado por um pai está ali, vazio, ele poderá ou não ocupá-lo a partir de uma diretriz que escreve a particularidade de um desejo.

É possível, sim ou não, ensinar alguém a ser um bom pai? É difícil acreditar que existam escolas ou até mesmo profissionais que possam dizer o que se deve fazer para ser um bom pai. Conselhos, normas, regras: faça isto, não faça aquilo, seja tolerante, converse muito com seu filho, procure sempre o diálogo, preocupe-se, não lhe deixe faltar nada. Ora, tudo isto de nada adiantará! Tudo isto e nada é a mesma coisa! A experiência demonstra que ocupar o lugar de pai não passa por uma presença de bons comportamentos, de bons exemplos, de querer ser isto ou aquilo para o bem do filho.

Meu caro pai perdido numa paternidade, eu o elogio pela sua coragem e pela sua transparência ao se colocar tão abertamente em suas faltas, em suas carências de pai. Não é o que se observa. Hoje, mais do que nunca, os pais estão se ocupando mais com seus filhos. Eles têm se preocupado até mesmo excessivamente com seus rebentos, fazendo demais, sufocando-os, pecando por seus excessos. Parece que não estão permitindo que filhos possam desejar, que possam dizer o que desejam ou não desejam. Temos, na atualidade, uma safra de pais excessivos, dependentes de seus filhos. Neste sentido, algo fica esquecido, eles se esquecem como homem e mulher. O excessivo que está dirigido aos filhos é uma das maneiras do casal se esquivar sexualmente. Por baixo das nomeações pai e mãe, habita um homem e uma mulher que estão adormecidos, claudicantes, se fazendo esquecer um do outro, num necessário encontro tão traumático que é o ato sexual.



Os pais da atualidade adoecem seus filhos e os enviam para especialistas e para escolas para serem “reformados”. Ou, se quiserem, uma palavra mais adequada e menos agressiva: “retificados” em sua subjetividade. Eles querem terceirizar a educação de seus filhos para com isto se eximirem daquilo que seria da sua responsabilidade. Sempre preocupados com o futuro profissional dos filhos esquecem, por exemplo, a sexualidade latente num filho ou numa filha. Então, o que você apresenta a *Problemas de Família*, é o núcleo, a base, a razão causal de tantos e tantos sintomas que as crianças têm apresentado, que se evidenciam nas suas relações sociais: distúrbios de comportamento, bulimias e anorexias, insônias e depressões, dificuldade no aprendizado escolar, agressividade e passividade excedente, transgressões reiteradas que podem caminhar para posições perversas diante da lei, a assim chamada hiperatividade, compulsões e impulsões fora de qualquer controle e por aí vai. Estes distúrbios já chegam prontos, estruturados, dificultando qualquer intervenção.

Um pai que se inibe como homem frente à sua mulher, mãe de seus filhos, que não cuida, devidamente, dos anseios sexuais de uma mulher que vige sob os escombros de uma mãe, permitirá que filhos se façam deformar frente a um excesso de gozo materno, justo onde falha a presença efetiva de um pai, como um homem desejante. Veja bem: um pai funciona na triangulação com a mãe e o filho como fiel representante da lei simbólica, uma lei que interdita a relação incestuosa da mãe com o filho. Meu caro, por alguma razão particular você resiste neste ponto de interdição por onde os limites necessários seriam colocados.

O que é um pai? Pai não é nem o genitor nem o provedor. Menos ainda o educador. Um pai é pai no regime da função de separação da criança e sua mãe. O importante será saber *como* um pai se sustenta, como ele intervém nesta relação. Quando você insiste em ser um bom pai, por alguma razão particular que lhe é desconhecida, você resiste justo neste ponto de interdição por onde os limites necessários seriam colocados. Seu filho está disputando, com você, a mãe - diga-se, sua mulher, mãe de seu filho. Por que isto está acontecendo nesta intensidade? Você quer mesmo saber? Este filho é você! Trata-se de um desejo infantil que permaneceu adormecido em seu inconsciente, e que fora atualizado na relação de seu filho com a mãe dele. Esta que teria sido sua mulher, e não sua mãe.

Nesse sentido, vamos trilhar um difícil e tortuoso caminho para situar suas reais dificuldades no exercício da função paterna. Esqueça, por favor, esta história de querer ser um bom pai. Pai é pai, cada um se faz tecer em sua versão paterna. Trata-se, de todo modo, de um ponto que fundamenta



o inconsciente de um sujeito particular. Pai é uma função inconsciente que recusa toda e qualquer abordagem consciente que advenha pela via do conhecimento. Por isso mesmo, é impossível ensinar alguém a ser pai, um bom pai. Você é médico, afeito ao discurso da ciência, talvez tenha dificuldades de entender isto: pai é uma função que nada tem a ver, por exemplo, com o genitor.

Como corrigir o erro que se constituiu na vida deste pai e que não diz respeito somente a ele, mas também a gerações anteriores? Alguém que se fez impregnar de uma crença de que poderia ser o pai que ele imaginava poder ser para seu filho, e que descarrilou e se estruturou pelo avesso? Porque você, na realidade, está mais para irmão mais velho de seu filho tão amado e tão querido. Veja meu caro jovem médico perdido em suas esperanças de ser um bom pai, escreva isto com letras sagradas: reafirmo que você está nesta estrutura familiar como irmão mais velho, bonzinho, carinhoso, que quer ser amado. Você foi buscar respostas lá fora, nos livros, nos especialistas, nos amigos, mas que sempre estiveram dentro de si mesmo. Quando o assunto é pai temos que tomar muito cuidado com os chamados "especialistas". Ninguém poderá lhe ensinar como e de que maneira agir para que você mesmo possa se pautar como um bom pai. Novamente: nunca queira ser um bom pai, o pai. Ao querer ser um bom pai - diga-se, um pai exemplar - você erra! O erro deu-se de saída: você quis ser um bom pai e se esqueceu de si mesmo, de ser você mesmo. Nunca, em hipótese alguma, deixe de ser você mesmo.

Mas existem algumas coisas que podem vir a ajudá-lo. Isto se você realmente estiver disposto a um questionamento mais efetivo que possa operar, em sua vida, mudanças significativas. Mudanças reais, você me entende?

Qual caminho seguir? O que torna alguém pai? Há um dado positivo nisso que você apresenta em sua carta. Você teve a dignidade de se mostrar falho no exercício de sua função de pai, de tornar público este ponto que é tão importante na estrutura das famílias e que, certamente, são os fatores mais patogênicos que levam nossos filhos a adoecerem. Digo que se trata de uma atitude digna e corajosa de sua parte, porque este é realmente um sintoma da nossa atualidade de pais inseridos numa modernidade que não cessa de pedir por novos argumentos.

Certamente você está em crise e não é algo simples que se possa resolver com conselhos ou simples pontuações. E isso não é mal. A criança que te habita pede para falar. Mas posso lhe afirmar que este sofrimento que te atormenta é o que há de melhor na sua vida, é um pedido de escuta.



Donde a necessidade da indicação de um longo tratamento analítico para que você possa redirecionar a função paterna, porque senão seu filho vai pagar por este sintoma que é o seu. Você nos apresenta, com muita clareza, a seguinte questão: a frouxidão de um pai em suas vertentes de lei paterna. Você revela, a céu aberto, um cenário que jaz adormecido sob os lençóis de muitos casais que se mantêm silenciados. Muitos pais, por razões particulares, permanecem surdos, mudos em relação a esta sintomática tão evidente, que denuncia a frouxidão de um pai. Pai frouxo, pai culpado com dificuldades de ocupar esta função simbólica tanto na relação de triangulação onde estão juntos pai, mãe e filho quanto numa relativa extensão social.

Por onde andam os pais? E vejam que esta pergunta se coloca justo num momento em que nunca se viu pais tão preocupados, pais tão presentes na vida dos filhos. Incoerência? Ou não seria mais apropriado e condizente perguntar: o que aconteceu com a autoridade paterna? O que mudou? De que sofre esta reluzente função que outrora imperava tranquilamente, apenas com um olhar, um pigarro, ou a voz de uma mãe dizendo: "eu vou contar pro seu pai".

O que é um pai? Posso afirmar que não é somente você que se encontra perdido, à deriva, às escuras em relação a ocupar e exercer a função de pai. Realmente, quase todos os pais estão perdidos, se sentindo meio que sem lugar. Olhamos à nossa volta e vamos observar que, dia após dia, os pais encontram-se desalojados das insígnias que o demarcavam como o bicho papão. O que aconteceu com este homem todo poderoso? Por exemplo: o seu pai, o meu pai, os nossos pais? Os pais de antes, que respeitávamos tanto! Teriam sido eles melhores pais que os de hoje?

Por outro lado, eu te digo mais e com todas as letras, e isto não o exime de sua própria falta, de sua carência como pai: o lugar e a função que um pai ocupa na família, em suas formações familiares e sociais, é realmente algo cada vez mais difícil de ser ocupado. A autoridade paterna perdeu lugar para uma avassaladora responsabilidade paterna. Os pais de hoje estão em processo de desfazimento de sua virilidade frente a uma sociedade impregnada de um juridismo. Eles estão condenados como pais devedores, servis de seus deveres de pais. Os deveres amputaram os poderes paternos. Pai, então, torna-se sinônimo de dever para com o filho, verdadeiro refém dos caprichos subjetivos de um filho ou de uma filha. Leia sua frase, caro pai: você se encontra dependente de seu filho.

Como conseguir assumir, de fato e de direito, uma função paterna que é tão vital para um filho ou uma filha? Digo que a mãe coloca o filho no



mundo, mas é um pai aquele que verdadeiramente dá vida ao filho, trata-se da função da palavra do pai. Não existe o pai, mas sim *um* pai. Veja seu engano como pai: você quis ser o pai, o melhor dos pais, um bom pai. Em todo caso, podemos dizer que você pode ocupar o lugar e exercer a função de pai. O pai é uma função simbólica à qual todos aqueles que ocupam este lugar estão, eles próprios, submetidos. Querer se apropriar desta função é introduzir um filho ou uma filha rumo ao adoecimento psíquico. Quando alguém quer ser verdadeiramente o pai, é uma desgraça para a criança. De entrada, diremos: o pai é uma função simbólica, nada mais que isto. Ao querer ser o melhor, erra-se. Deixa-te ser e ponto.

Vale ressaltar o caminho de retorno que deve ser realizado por você mesmo, jovem pai perdido na paternidade. Como está sua vida sexual com a tua mulher? Digo com a tua mulher, mãe de teu filho? Porque aqui reside o ponto crucial. Há sujeitos que se casam, têm filhos, e a vida sexual passa a ser um problema para o casal. Trata-se de um momento difícil de ser ultrapassado, pois são muitas as fantasias familiares que emergem tanto num quanto noutro. Há impedimentos e proibições psíquicas que os levam a buscar sexo fora de casa. Quando o casal esfria sexualmente, os filhos adoecem. Isto é de livro! O investimento libidinal dos pais migra para a criança. Por que um filho invade o quarto dos pais, a cama dos pais? Justamente porque a porta está aberta. A abertura da porta do quarto do casal é causa de distúrbios psíquicos nas crianças.



O Amor é Capitalista

Problemas de Família

FALE COMIGO

Doutor José Nazar

Sou uma mãe preocupada com o estado emocional de meu filho de 18 anos de idade, pelo que ele está passando depois de terminar um namoro de 3 anos. Ele não quer saber de falar sobre o assunto com ninguém, dentro ou fora de casa, nem mesmo com os amigos.

Sou professora e acompanho de perto o comportamento de jovens, sei quão difícil é esta idade, daí minha hesitação: não sei o que é normal ou motivo de preocupação.

Meu marido acha que é exagero meu, que o que nosso filho está apresentando é comum nos jovens e, com o tempo, vai passar. Sei que os pais são menos sensíveis que as mães. Tenho esta experiência com pais na escola em que trabalho. É certo que as mães são mais preocupadas, elas são sempre mais atentas.

Meu filho era um adolescente alegre, prá cima, estudioso, conversador. Dialogava até mesmo com sua irmã mais nova, tinha sentimento nas palavras, havia vida nos seus olhos, era um garoto disposto a vencer obstáculos. Atleta, bom nadador, preocupado com o corpo e com a sua saúde. Agora ele não quer saber de nada. Vive trancado no quarto, perdeu peso, não fala, anda triste. Isso dói dentro de mim, já vi essa história com um tio, que vivia em depressão e deu fim à própria vida.

No início, não demos importância, achamos que ia passar com o tempo. Depois, ele foi piorando. Sua tristeza aumentou e isso já dura quase cinco meses. Já o levamos a um médico da família e nada melhora, não passa, está mais trancado, para dentro de seu mundo. O pai tem insistido em conversar com ele, mas não consegue ajudá-lo a sair deste estado. Meu filho está sem vida, doutor, sem ânimo para nada. Estudar ele estuda muito. É bom na escola, nunca houve problemas nesta área, quer ser advogado.

Ele gostava da garota, que tinha um gênio difícil, mas era boa menina. Meu marido encheu a cabeça do menino para terminar o namoro porque ela não era do mesmo nível social que o nosso. Uma garota de



família humilde, pobre. Ele brigava, discutia com o pai e mantinha o relacionamento. A gente via que ele estava feliz. Depois acabou cedendo e terminou o namoro, acredito que para fazer a vontade do pai.

Dirijo-me ao senhor para saber até onde devo realmente me preocupar? Quando é com filhos dos outros sou mais ativa. Com o meu filho estou perdida. O que é normal no jovem, o que é doentio? Em situações como esta, quando devemos nos preocupar? Gostaria de uma orientação. Obrigada. Dulce Sarmiento de Mattos.

O amor é capitalista!

Houve uma quebra. Um raio de estrondo estarrecedor rasgou um reluzente céu azul! O garoto caiu em desgraça consigo mesmo, as coisas não têm mais graça, ele está ruminando sua dor infinita, está identificado ao objeto perdido, melancólico. Ele está falando uma língua silenciosa que diz de uma consternação por demais dolorosa. "Meu pai roubou de mim o que eu tinha de mais precioso, me deixei arrebatado, esburacar, estou em perda."

Este pai, ele mesmo sabe o que é o amor adolescente? Uma paixão adolescente não é coisa que se deva meter o bico, é algo muito, muito sensível! O amor adolescente é o momento das descobertas da sexualidade, que abre portas para o futuro profissional, sabia?

Será que sabemos o que é viver nas trevas de uma perda, de um se fazer abandonar adolescente? É difícil, pois na maioria das vezes sofremos o afeto penoso da perda e não o pensamos, não colocamos em palavras, não construímos o mínimo de saber sobre este penoso sentimento.

Mesmo que a adolescência se caracterize como uma turbulenta transição, por onde se encenam roteiros que se escreve numa diversidade exuberante, o que dificulta qualquer sinalização daquilo que possa ser dito normal ou patológico, sua preocupação com seu filho se justifica, sim, ela é legítima. O que está se passando com ele? Qual é sua verdadeira dor? Que sofrimento ele está carregando dentro de si, que o faz viver uma vida de tristezas sem fim? Uma vida sem vida, uma vida cinza, nebulosa, uma vida amarga! Vida sem gosto de viver, vida espinhada de culpa e de remorso. Muito cedo, uma proximidade perigosa, com os desígnios de uma dor de existir.

No caso de um jovem, sempre devemos estar atentos. Jovem é jovem, é transição sem domínio, e não se sabe muito bem para onde a coisa vai. Onde isso vai dar?



A senhora, como mãe, não está errada em se preocupar com o sofrimento de um filho. Está corretíssima! Embora, assim me parece, acredito que esteja com dificuldades de se aproximar deste filho imerso na dor de existir, de chegar perto daquilo que o atormenta e que o derruba: seu estado depressivo, melancólico, certamente tinto de autoacusações. Este adolescente está se fazendo nocautear pelo sentimento inconsciente de culpa. De que ele se culpa?

Ele é jovem, vive num mundo interno que é ao mesmo tempo habitado por horizontes incríveis e por barreiras sufocantes. Se quisermos, uma versão bipolar que é própria da vida adolescente. Eis o problema maior nesta empreitada inicial: como levá-lo a se livrar destas amarras? Como abrir portas para que, no mínimo, ele mesmo possa querer empenhar-se em sair desta? Que possa desejar algo para além deste gozo sofrido? Sim, devemos criar condições para que ele possa dizer-se querendo sair desta, pois não basta que medidas venham somente de fora. Como instigá-lo, seduzi-lo, neste querer? Quem irá se aproximar deste jovem em crise? Não é fácil, sabemos.

UM PAI INVEJOSO, ENCIUMADO, DESAJEITADO provocou catástrofe na vida deste filho. É certo, é seguro! Culpado, diríamos de saída. Teria sido possível que a coisa se desse de outra maneira, sem tantos danos colaterais? Ora, é claro que ele se meteu no namoro do filho de uma maneira agressiva e descabida, tocando de perto no universo de uma paixão adolescente. Uma postura que lembra os estragos que um elefante pode causar numa loja de cristais. Portanto, trata-se de alguém desajeitado! O garoto estava indo bem, apaixonado, gostando da vida, descobrindo-se sexualmente, e lá vai o pai elefante, que dá uma rabanada pra cá, uma trombada para lá, quebrando delicados objetos de valor, estraçalhando os tênues sentimentos na flor de uma idade, que está se fazendo adolecer. Ou seja, este pai meteu o bico onde não devia. Que desastre!

O que quer este pai? O que ele quer de seu filho? O pai certamente quer o bem do filho, este é seu ponto de vista. Ele o quer, sim, a partir de seus valores e daquilo que ele julga melhor, a partir de si mesmo. É o que ele pensa. É um homem prático, realista demais, poderíamos dizer.

Então é isto! Temos aí um pai que reivindica uma "justeza" socioeconômica para o relacionamento amoroso de um filho. Para este pai, o amor está arrolado às vicissitudes do mercado, de seus valores, de sua importância nas leis das trocas. Ele está errado? Sim, diríamos, dentro de um consenso comum. Este é o primeiro sentimento que nos acode. Este pai



erra ao pedir ao filho que faça uma escolha condizente com seu status socioeconômico, dentro de um ponto de vista do ter, da posse, a partir de uma perspectiva mercantilista. Amor? Sim, há uma troca, meu bem! Isso é atual e é antigo. Desde a Antiguidade.

De todo modo, cabe perguntar: este pai, ao intervir na relação de seu filho com a sua namorada, sabia o que estava fazendo ao querer aplicar seu modelo ao filho? Mesmo sendo pai, ele teria este direito? Não! Então ele é culpado pelo sofrimento do filho. Um veredicto fácil, rápido, sem margem de erros. Mas...

Mas, seria este o caso? Deixemos de lado o desajeito deste pai para então introduzir a seguinte pergunta: ele não teria lá razões que viessem justificar tal invasão? Este suposto absurdo em direção ao seu filho?

O filho acolheu o pedido do pai, que o seguiu à risca! Por quê? Temos aí um ponto importante. Ele, o filho, poderia muito bem ter lhe dado uma banana e seguido seu romance, já que estava tudo tão bem, tão feliz, não é mesmo? Ele cedeu ao pedido do pai, e se o fez é porque também ele compartilha do ponto de vista de um amor capitalista, uma forma de amar que é apreciada pelo pai. Não sabemos por quê. Medo? Será que foi simplesmente para ser amado por este pai? Cedeu por medo de perder o amor do pai? Uma identificação imaginária aos ideais deste pai herói? Certamente! Este pedido, mesmo tendo causado o que causou, estaria ele de todo errado? Ele teve a capacidade de desvendar algo que estava adormecido no filho.

Uma família se estrutura dentro de uma lógica particular: seus valores, seus objetivos, seus ideais. Qual a cor do amor? Qual é o seu valor? Ele está, sim ou não, conectado a algo, a um objeto de trocas?

Mas, teria sido esta a causa do estrago na vida deste jovem? Podemos acreditar que um fato, por si só, justificaria tal rombo na vida emocional deste jovem? Acredito que não! Pode ser que haja outras variáveis, outros fatores que façam parte do processo e que, certamente, já estavam lá, à espera de um fator desencadeante. O rompimento da relação amorosa, em todo caso, não justifica o quadro depressivo.

Está certo, correto: o senhor seu marido parece um pouco sem jeito para lidar com sentimentos. Pelo que a senhora diz, ele é melhor nos negócios. Bom, pelo menos nisto! Temos hoje maridos incapazes de sustentar um sucesso profissional, que gozam em seus fracassos repetitivos e impotentes nas suas realizações de trabalho.



Penso que somente a senhora, mãe deste jovem adoecido de seus emburramentos, poderá dele se aproximar e fazê-lo voltar. A senhora tem a chave, tem o mapa e o código de rota. Vá até ele e foque no ponto sensível de sua dor, em seu desprezo com ele próprio e com os seus e em seu descontentamento com a vida. Preste atenção! Neste ponto de perda ele fala diferente, ele fala outra língua que é diferente da convencional, do seu dia a dia. Ele está falando uma linguagem que tem a ver tão somente com a perda, nada mais que isto. Uma língua cifrada, na quebra de uma dor, que abre para um se fazer abandonar: são palavras doídas de perda, moídas nos tremores de uma insegurança, embaladas no medo frente ao vazio de uma escuridão.

Uma ajuda possível. Sim, somente a senhora, que se diz mais sensível, pode fazê-lo. Pegue uma lanterna e caminhe em direção aos sofrimentos deste filho. Procure escutá-lo. Deixe que ele fale. Que ele fale do ódio dirigido à figura do pai, de como está se sentindo, para chegar a algum ponto em que habita uma verdade que quer falar e que não consegue, porque se encontra abafada, amordaçada, sem voz. Ele necessita se reencontrar nas fantasias de ódio em relação ao pai. Não está havendo escuta. Nada de remédios, pelo menos neste momento, pois eles podem mascarar o que há de precioso na origem deste sofrimento psíquico. Sim, que esta mãe procurando escutá-lo a partir deste outro que o habita, e que sofre dentro dele, pois ele somente está se sentindo vivo deste lugar da menina que se foi, da garota que ele supõe ter abandonado, numa magistral identificação com aquilo que se perdeu. Mergulhe fundo em seu desamparo, dialogue com ele a partir da língua que profere a partir do ponto de seu sentimento de perda. Há que se retirá-lo deste ponto de gozo como vítima, que possa se responsabilizar pelo que está se passando em sua vida.

No caso deste jovem, podemos afirmar, não há risco algum de uma passagem ao ato suicida, pois ele consegue manter muito bem seu vínculo com os estudos. Mas ele precisa falar. Por quê? Porque ele não se separou desta garota, ele carrega consigo um pedaço dela, que permanece dentro dele e do qual está muito difícil de soltar, de se desgarrar.

Teria havido um fato desencadeador. O que ele sente e sofre desta tristeza é resultante do desenlace amoroso? Este jovem está apresentando um quadro depressivo em função do rompimento com sua namorada? Ou a ruptura teria servido, apenas e nada mais, como um alibi? Algo que já estava lá, em sua vida psíquica, à espera de um empurrãozinho. "Eu caí nesta depressão porque fui induzido a deixar a garota que amo, ou para sofrer esta dor que teima em não me deixar viver? Eu provoquei a



ruptura?” Aqui, no caso, a separação amorosa, não seria causa, e sim consequência. Uma inversão lógica que só a mente humana é capaz de explicitar. Um viés paradoxal da lógica: para que eu goze no sofrimento da dor de separação eu não sustento uma relação que se diria amorosa.



Ninguém escapa da mordida do lobo

Problemas de Família:

FALE COMIGO

DR. JOSÉ NAZAR

Bom dia doutor:

Tenho 50 anos. Moro na cidade de Vila Velha há 45. Sou casada e tenho uma filha de 17 anos que nasceu no dia 10 de março de 1992. Meu marido desempregado na época, eu tendo que trabalhar fora para sustentar minha família, decidi que não teria mais filhos por conta da minha condição. Apelei para a ligadura de trompas. Após o período da licença maternidade, minha filha então com cinco meses de idade, passou a ficar com várias pessoas. A primeira que cuidou dela foi a minha vizinha, que hoje é sua madrinha. Depois ficou com minha mãe, com empregadas e depois passou a estudar em uma escola perto do meu trabalho, assim poderia ficar um pouco mais com ela, pois ao término da aula eu a buscava, e então ficava comigo até o fim do dia.

Mais adiante, depois que cresceu e se tornou adolescente, aos 12 anos, voltei a estudar, deixando-a uma parte do tempo em casa, sozinha, pois o pai dela, a partir de 2005, voltou a trabalhar em tempo integral.

Após esse tempo, quando consultei uma terapeuta que trabalha com bioenergética, qual não foi a minha surpresa: minha filha estava apresentando um quadro de *lúpus*, um adoecimento vindo do stress. Buscando informações a respeito, cheguei à conclusão de que após todos esses anos que minha filha viveu aqui e ali, sem minha presença, isso acarretou esse problema, que hoje eu vejo como consequência de minha ausência. Sofro muito com isso. O que posso fazer para remediar essa situação?

Procuro dar muito amor à minha filha, muitos beijos e abraços, mas penso que não é o suficiente. Ajude-me, por favor...

Mãe Desnorteada

Você se recrimina pelo adoecimento de sua filha, creditando às suas faltas a eclosão de um quadro clínico que foi diagnosticado como *lúpus*. E, se não bastasse, você também se acusa de ter tido somente uma filha,



como se tivesse cometido algo muito grave por não ter oferecido irmãos para ela. Ao afirmar que a doença que sua filha sofre na pele é uma consequência direta das suas ausências, certamente você se coloca aí, neste acontecimento traumático, como a única causadora de todo sofrimento desta jovem adolescente.

Mas, será que é assim mesmo? Acredito e, portanto, acho mais saudável, que as coisas possam e devam ser colocadas de outra maneira. Você mesma acha justo colocar-se tão culposa e como única causadora da doença de sua filha? Vamos ver! Pode ser que as coisas não sejam bem assim, e então vamos procurar outro viés de análise sobre esta questão que se resume num sofrimento cruel para todos nesta família e à sua volta.

Suas angústias e seus desesperos são sentimentos legítimos, compreensíveis e, até poderíamos dizer, justificáveis. Qual mãe não sentiria o que você está sentindo? Engraçado dizer isto, mas o que me ocorre é que todas as mães se sentem culpadas pelos problemas que os filhos apresentam. Parece que as mães já nascem culpadas! Portanto, temos que nos focar sobre a particularidade deste seu sofrimento, que não é outro senão aquele de uma relação por demais sacrificial em relação à sua filha. Na maioria das vezes, é a presença efetiva da autoridade simbólica do pai o que irá amenizar a sofreguidão deste tipo de relação. A presença da lei paterna intervém impedindo uma relação incestuosa entre uma mãe e seu filho ou sua filha.

Você se denomina *mãe desnorteada*. Eis aí uma bela metáfora que pode ajudar a todos nós. Com estas palavras, você consegue traduzir, com a maior clareza possível, o lugar que a mãe ocupa, hoje, na difícil tarefa de conduzir a educação de um filho ou de uma filha, na estrutura familiar. Os pais também, não somente as mães, de fato, estão cada vez mais *desnorteados* em relação ao futuro de seus filhos. E isto não é de todo ruim. Pelo contrário, pode se tornar muito positivo no tratamento da questão. Depende do enfoque, do ponto de vista da abordagem, pois é o que permite a abertura necessária para que se possa pensar e refletir sobre os distúrbios que se apresentam aqui ou ali. Como fazer bom uso da insegurança que há sob o véu da falta de uma direção antecipada? É possível sim, fazer bom uso das incertezas. Sabe por quê? Estar *desnorteada* é sinal de uma possível mudança, pois pode abrir portas para questionamentos verdadeiros que se tornam viáveis para enfrentar a dura realidade dos conflitos do cotidiano de uma vida em família.

Que lugar você ocupa, *mãe desnorteada*, nessa trama familiar? Esta pergunta pode abrir para uma nova perspectiva no sentido de poder



desembaraçar os distúrbios familiares e, a partir daí, construir um novo viés de reflexão sobre a seguinte questão: por que razão o excesso de culpa? Por que você se reconhece nesta necessidade de viver se culpabilizando e se justificando por todos os males que acometem sua filha? Você deve se questionar sobre este ponto e desconfiar destes sentimentos que tomam conta de seu ser.

Vamos tomar as coisas da seguinte maneira: você teve uma única filha porque este era seu desejo, e nada mais. Para que explicar o que parece inexplicável? Assuma as razões que a levaram a tomar esta decisão, faça um esforço para mudar o sentido desta história vitimada e, daí, procure se reconhecer numa outra posição subjetiva que não seja esta. Minha cara, assumo o que verdadeiramente você é! Arrisque ser você mesma! Faça uma boa leitura de sua história, pois está escrito que *você é uma mãe guerreira*. Uma mãe que pariu, cuidou como só você pode cuidar da sua querida filha, e ainda foi à luta procurando dar bons exemplos para ela. Não deixe, em hipótese alguma, e por nada neste mundo, de avançar em seus estudos, e estar de bem com seu desejo. Agora, algo muito importante: não se esqueça de alimentar, cada vez mais, a mulher que certamente anda adormecida sob as vestes desta *mãe desnorreada*. Clame um pouco por este homem que a elegeu sua mulher. A culpabilidade não é um bom instrumento de uso em nossa vida, pois ela nos paralisa e não nos permite avançar em nossos projetos. Pelo contrário, ela nos condena a frequentar uma posição muito cômoda que é aquela tão bem conhecida de se permanecer remoendo o bastão de um gozo como vítima. Isso é ruim para você e para sua filha.

Em todo caso, o que importa realmente é poder se questionar sobre os fatos que a incomodam. Se possível, mudar sua relação com a vida, caminhar, mesmo tendo a angústia como sua companheira, e buscar boas saídas para as coisas que deseja, encontrar novos caminhos, e seguir sempre em frente à procura de novos argumentos para sua vida. Minha história foi assim! O que posso fazer para mudá-la ou vivê-la com menos sofrimento? Mas, atenção, querida mãe desnorreada: nada de querer remediar isso ou aquilo em se tratando de vida! Isso sim, é ruim, faz muito mal. Remediar é alimentar o prazeroso sentimento de culpa. Por favor, nunca adote na vida uma postura de remediar. Nenhuma vida é uma maravilha. Nenhuma vida será curada e muito menos remediada. A vida não gosta destas coisas, pois ela mesma não cessa de clamar por mudanças. A vida é dura, cruel, e você, mais do que ninguém, sofre as dores da vida na pele. Mas, é preciso viver. Com dignidade, ou seja, com persistência.



Mas você não está sozinha nesta parada como dá a entender em sua carta. Você tem um marido que é o pai desta jovem. Onde está o pai? Cadê o pai? A figura paterna é essencial em todos os sentidos. Se ele for alguém quieto, fechado, do tipo deprimido, *desperte-o*. Somente as mulheres têm esta magia e elas nunca dão a chave do cofre para ninguém, sabia? A vida sexual de um casal é realmente a maior profilaxia no que diz respeito às patologias que possam acometer nossos filhos. Este pai, como seu marido, deve ser o agente provocador de um gozo sempre inesquecível dentro de si mesma. Quando um pai não consegue responder aos anseios de uma mãe enquanto mulher, a criança paga caro fazendo sintomas e mais sintomas. A invasão do gozo materno não depende tanto da presença ou ausência física de uma mãe. Algo que você não pode e não deve procurar encontrar nas suas fantasias comprazendo-se em excesso de sua filha. Ela, sua querida filha, faz parte de uma estrutura que é complexa e que se chama família. Há um pai, uma mãe e uma filha. Como funciona o pai nesta estrutura, como ele intervém? Faça-o responder pelos seus anseios, porque senão o escoadouro será na jovem garota se tornando uma mulher. Quando você mesma diz em sua carta "*decidi* ter somente uma filha", seu marido, o pai de sua filha, ele também deve ter participado da decisão, não é mesmo? Ele se encontrava desempregado na época, sim, eu suponho. Mas é o pai de sua filha.

A função paterna é vital. Ela salva um filho ou uma filha de um possível gozo avassalador prenhe de caprichos que se inscrevem na figura materna. Sem contar que é a partir da função paterna que se estrutura o simbólico das gerações no sentido de uma articulação necessária da lei e desejo. Trata-se, portanto, de um elemento que dá as cartas e que tem a ver com uma lei de transmissão que é distinta de todas as outras. Por isso mesmo, mãe desnorteada, deixe ou crie condições para que o pai possa entrar um pouco mais nesta relação, no sentido de oxigenar os caminhos desta adolescente. Não esquecendo que a lei do pai rege a historicidade de cada um, cada passo, cada escolha, os sucessos e os fracassos.

A mãe, ou melhor, o desejo da mãe, ocupa um lugar particular na estrutura familiar. Ele é distinto daquele do pai. O pai norteia e é norteado por muitas coisas. Ele ocupa uma função que o impede de gozar mais espontaneamente as relações com seus filhos. Muitas vezes são eles mesmos muito reservados. Uma mãe, porque também é uma mulher, é mais sensível aos problemas à sua volta. Ela carrega consigo uma maneira mais ardente de usufruir uma vida em família. Mesmo estando mais preocupada, ela é habitada pelos dilemas da vida cotidiana sem tanto pudor com as verdades que pululam aqui ou ali. É neste caminhar *desnorteado*



que uma mãe pode olhar as coisas mais de frente. Uma mãe é realmente aquilo que eu consegui nomear de *loucura santa*.

Na sua carta há um verdadeiro pedido de ajuda. Como lidar com o trauma que se instalou no seio da sua família abatendo covardemente justo sua jóia mais cara e mais preciosa? Sua filha querida, a razão de sua existência, desde o início de sua adolescência, apresenta um quadro clínico compatível com o *lúpus*. Uma doença traiçoeira como tantas outras! Sua característica é que ela não obedece à ordem lógica comum, que demarca as defesas que um organismo ameaçado produz. O *lúpus* trapaceia a racionalidade do organismo acirrando, de maneira grotesca e paradoxal, suas próprias defesas como forma de se proteger de si mesmo. Normalmente, um organismo produz anticorpos contra antígenos externos, tais como vírus e bactérias. No *lúpus*, há um erro de leitura: o organismo trabalha contra si mesmo. Você afirma que este adoecimento é de fundo nervoso, fruto de um *stress*. Na realidade, sua causa não é tão somente de origem emocional. Ou, talvez, o emocional seja apenas um dos fatores desencadeantes. O *lúpus* é uma doença auto-imune, multifatorial, de origem *ainda* desconhecida. Há, certamente, fatores genéticos, hereditários, sociais, psíquicos e, até mesmo ambientais.

Mas, a doença, em si, já está instalada. O lobo já deixou sua marca. Não se iluda minha querida *mãe desnortada*, supondo que a marca da mordida do lobo seja um privilegio seu ou de sua família. Todas as famílias, sem exceção, são marcadas pela mordida de algum animal feroz. Algumas são vivíveis e outras guardadas a sete chaves em seus armários desumanizados. Todos nós temos nossas feridas, e é isso realmente o que nos constitui como seres humanos, como seres portadores da linguagem. Essa marca que carregamos, a psicanálise a nomeou de sintoma. A senhora entende isto: ninguém escapa da mordida do lobo. A psicanálise diz que o sintoma da criança acha-se em condições de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar como representante de uma verdade. O *lúpus* é o ponto pelo qual esta jovem, se tornando mulher, quer falar alguma coisa. Alguma coisa que necessita ser melhor escutada. Aqui entra a psicanálise. Esta seria a única condição de escuta do desejo que está por trás disto tudo. Uma psicanálise existe somente para isto: realizar uma boa leitura no discurso que é singular, que é de cada um. O que essa filha representa, eu não diria apenas no desejo do casal parental, mas, também, na historicidade do desejo dos pais de seus pais. O *lúpus* é uma mensagem cifrada. Somente falando para um psicanalista ela poderá chegar a algum lugar. Ela terá que se virar com isso. Nunca trate esta filha como doente. Pelo amor de Deus! Leve-a a assumir as consequências desta história e faça



com que ela própria encontre os meios reverter esta má sorte. Reverter! Isto será possível se ela se distanciar do cemitério das vítimas. Assumir sua própria história para poder reescrevê-la de outra maneira. Isso certamente com a ajuda de um trabalho de inconsciente, ou seja, numa psicanálise.

Apoiando-se em fatores econômicos, a senhora se justifica e se culpa pelo fato de não ter tido mais filhos, como se isso fosse algo muito grave, capaz de causar danos psicológicos nesta que se tornou filha única, esquecendo-se de que todos os nossos atos, nossas escolhas, já estão demarcados a partir de uma historicidade. A senhora fez o que tinha que fazer e, certamente, fez da melhor maneira que podia e nada mais. Não sei quantos irmãos ou irmãs a senhora teve. Talvez, ter escolhido somente uma tenha sido uma maneira de *ser única*, você mesma, frente ao desejo de seus pais. Qual o problema? Deixe de lado o imaginário social que não cessa de dizer regras absurdas sobre isto ou aquilo. Vamos ao que realmente interessa.

Você, mãe desnorteada, não tem idéia como foi saudável ter saído para trabalhar, estudar, ou seja, cuidar também da sua vida. Já pensou como esta filha única se sentiria tendo o tempo todo o seu amor? Isso a adoeceria muito, mas muito mais. Sua filha estava lá e cá, mas sabia muito bem que você era sua mãe querida. A falta é fundamental, é abençoada.

Sua filha tem condições de viver uma vida normal que é a dela. Desde que ela não se acomode numa identificação de seus sofrimentos de mãe. Ela não é doente, não é e não deve se fazer identificar à doença em si. Ela, e somente ela, saberá que passos dar para viver uma vida normal, logicamente que tendo que enfrentar as mazelas da vida cotidiana. Inclusive, se esta jovem se atrever a pensar um pouco mais, ela poderá se antecipar no sentido de não provocar as crises inflamatórias. Isto é importante! O lúpus exige um tratamento cuidadoso por médicos especialistas, mais precisamente da área da reumatologia. Nada de remediar. Nada é remediável. Por favor, nunca mais use esta palavra, por favor!

Não existe nenhuma família perfeita. Cada família é uma família. O importante é ter a humildade de detectar o *problema de família* que habita todas as famílias e trabalhar para que os danos não sejam impeditivos de insistir na vida.



Sexo fora do casamento

Problemas de Família

FALE COMIGO

Dr. José Nazar

Estou constrangido em escrever para o doutor, pois o problema envolve sexo fora do casamento. Sou casado há 8 anos e tenho filhos. Não sou feliz no sexo com minha esposa. No início era bom, depois vieram os filhos e nossa vida sexual congelou. Ela é indiferente na vida sexual e não acredito que tenha alguém por fora. Não sei se ela tem prazer sexual comigo. Pelo menos, eu penso assim. Não sei se fora da nossa relação rola alguma coisa. Ela é muito bonita e trabalha num ambiente onde tem muitos outros homens. Gente de poder. Não acredito que ela transe por fora!

Tenho tido relações sexuais com outras mulheres, inclusive pessoas próximas de nós. Eu me sinto culpado e muito mal com isto tudo, como um verdadeiro crápula. Mas é mais forte e não tenho controle sobre o que se tornou uma compulsão. Digo que esta foi a maneira que encontrei para levar o casamento adiante. Não quero me separar pois amo minha mulher e meus filhos. O que posso fazer para mudar?

Carlos Santana.

Sexo fora do casamento

Cuidado, meu caro, os machos estão com os seus dias contados. Não tenha tanta certeza quanto à suposta fidelidade da sua esposa. Mas, mesmo assim, pode ser que você esteja certo, que ela não tenha nada com ninguém além de você. Pode ser, não é certo nem seguro! As mulheres são mais sérias, mais seguras de si e éticas. Elas portam o dom do amor e da esperança numa relação estruturada. Elas acreditam na "figura" do amor. O que é muito bom. Posso afirmar que tanto o amor quanto o dinheiro não aceitam desaforos. Eles exigem respeito, respostas justas e coerentes.

As mudanças culturais têm afetado profundamente as relações conjugais. Ter relações sexuais fora do casamento sempre foi propriedade privada do homem, coisas de macho. Eles sempre tiveram domínio de mercado nisso que, grosseiramente, denomina-se "trepar por fora". Mas



isto já não existe mais pois, hoje, também as mulheres o realizam. E o pior é que elas tomaram a frente, elas o exercem de maneira mais intensa, mais inteligente, e sofisticada.

As mulheres conhecem bem o que é estar para o outro numa posição de objeto, isso nunca foi um problema para elas. A coisa se inverteu e elas mesmas passaram a administrar o homem como seu objeto. É isto: elas usam e abusam do homem, do macho, este que se presta a ser usado como verdadeiro objeto de consumo sexual, que está a serviço de um gozo das mulheres, que se sustenta numa suposta fragilidade. Por isso mesmo, as mulheres escravizam e manipulam amargamente o homem, com uma mestria até então nunca vista.

Portanto, cuidado meu caro, não se coloque nesta posição tão autoconfiante, pois as mulheres estão pau a pau com o homem, se é que não o ultrapassaram. Dizem que as mulheres têm o dom de uma sedução ativa e que, frente à sua caça, são muito mais bem sucedidas na medida em que sabem usar o homem na posição que lhe convém. Nada mais que isto: você, meu queridinho, você me serve, você só serve para me fazer gozar. Nada mais mesmo! O homem que trepa por fora é bicho besta, culpado, vez por outra ele acaba por se apaixonar. O homem está em declínio, necessita ser reinventado pois está carente demais! Prudência, meu caro!

Veja que coisa interessante. Você diz que ama sua mulher. Diz, também, que ama seus filhos. Ou seja, você ama sua família. O que equivale a dizer o seguinte: você quer construir e dar continuidade a um patrimônio de gerações futuras, uma genealogia. Isso é bom, é um passo importante a ser dado em direção a questionamentos. Este elemento pode ajudá-lo a sair desta teia em que você se meteu.

O fato de ter escrito para um psicanalista me faz supor que queira sair desta compulsão sexual. Estou tomando seu gesto como um pedido de ajuda explícito, supondo que haja de sua parte uma abertura para questionamentos verdadeiros. De todo modo, prepare-se, pois não se trata de uma tarefa fácil, pelo contrário, é algo difícil de ser resolvido. Parece que você atualizou, nessas suas puladas de cerca, um vício, uma dependência, o que configura um quadro patológico, sintomático. Sexo e amor juntos, num mesmo objeto são antipáticos, não convivem numa simpatia conjugal. É estranho, mas é verdade. É realmente difícil, senão impossível administrar esta união. Ao contrário, há, em todo caso, uma disjunção estrutural. Sexo e amor, amor e sexo: o que os une, o que os separa?



A vida nunca é o que sonhamos, ela não caminha como queremos ou planejamos. A vida é feita de surpresas e de reviravoltas: uma constante em descontinuidade. Por isso mesmo, se as coisas que você desejava e acreditava não saíram como era esperado, por outro lado, há portas e mais portas que podem ser abertas. Abertas para mudanças, no sentido de se criar novos argumentos. Isso é bonito demais, isso é lindo no ser humano: sua possibilidade de mudanças, sua capacidade de acreditar que ele pode e deve se oferecer a mudanças. Mas também podemos permanecer no mesmo, sem pagar preço algum no sentido de mudar. São vidas estagnadas, são as meras repetições. E, como você diz que ama sua esposa, certamente está aberto a começar desejar um pouco mais sua mulher, não é mesmo? Ou de se fazer desejável por ela. Não é uma tarefa tão fácil. Você não deve se acomodar nesta saída fácil a que se propôs. Isto é muito sério, porque todos perdem: você, sua esposa, seus filhos. Como, também o amor.

Todos perdem, meu caro Carlos. Repare, olhe com uma boa escuta, e você verá que seus filhos certamente já estão apresentando sinais, de alguns distúrbios, de alguns sintomas. As crianças sacam, já sabem de tudo e de algo mais. Os filhos habitam as entrelinhas daquilo que é ou não dito entre pai e mãe, eles leem no entredito do vazio entre o homem e a mulher que habita um casal parental. Não importa a idade, eles mesmos se ressentem da falta de gozo sexual no casal, em seu aspecto conjugal. Não há ganhador nesta história, todos saem perdendo. O maior perdedor será o amor em sua vertente mais verdadeira. Portanto, trate de "comer a fêmea" que está aí, do seu lado, sacando o quão idiota você é. Ou, pelo menos, está sendo.

Veja bem, meu caro macho, você está perdido na cercania de varas desdenhadas, morrendo de medo de se aproximar de sua mulher, de abordá-la, tocá-la, seduzi-la. Você a escolheu como mulher e como mãe de seus filhos. O que a torna tão importante e, portanto, idealizada. Certamente sua mulher, em seu inconsciente, está representando a figura de sua mãe. Portanto, proibida, intocada. Com sua mulher, parece que o sexo sempre esteve atrelado à maternidade. Realmente, quando temos filhos, há um esfriamento do sexual. As fantasias, que cada um carrega desde sua infância, de suas relações com papai e mamãe, emergem com muita força, tomando conta do erotismo pelo viés de inibições. Por isso mesmo, é comum que o homem realize uma duplicidade em relação a seu objeto de eleição: uma mãe puta e uma mãe santa, uma mãe imaculada. Portanto, essa sua mulher não deseja e não pode ser desejada, abordada sexualmente.



Vou lhe dizer algo que vai ser difícil de você aceitar. Digo mais, tudo irá depender de um crédito a ser dado às minhas palavras, de uma tolerância necessária para você aprender a se escutar. As mulheres que você busca fora do casamento são, na realidade, um deslocamento da sua esposa, da sua mulher. Na verdade, você está tendo relações sexuais com a sua mulher, através destas outras. Inclusive, são mulheres próximas, amigas, não é mesmo? Com isto, você suporta melhor a angústia que se apresenta quando tem que se aproximar de sua esposa enquanto mulher. Há a esposa, que necessita fazer-se reconhecer – pelo seu homem – como uma mulher. No seu caso, você vestiu sua mulher de mãe, de esposa proibida como mulher.

Procure fazer um esforço maior e se abra para um questionamento, se quiser, um exame de consciência, mas sem se utilizar de respostas prontas. Olhe para a mulher que está do seu lado, que é esta que você está buscando lá fora. Abra-se mais e tente se aproximar da mulher que você ama. Não tenha medo do imenso valor que ela representa para você, pois ela foi sua escolha amorosa para ter filhos - isso é muito sério, isso não é qualquer coisa, pois são poucas as mulheres que escolhemos para fazer filhos -, é a mulher que você admira e ama. Você está se sentindo por baixo, com inveja e ciúmes guardados dentro de si. Respeite os valores que são os dela, procure encontrá-la numa outra posição, pois ela está ressentida com esta tua fuga, tão covarde quanto infantil. Enfrente e tome esta dificuldade como algo que o habita, que o aprisiona em suas realizações. Tente se aproximar, mesmo que seja aos poucos. Não se trata de uma tarefa fácil, mas é menos difícil do que se possa imaginar. Insista o máximo que você puder. Se não der, procure algum psicanalista para trabalhar este ponto sintomático da sua vida, e aposte nesta relação conjugal. Deixe de lado suas defesas, dê uma licença, mesmo que temporária, para esse macho que você se acredita ser, liberte-se desse macho babaca sob o qual está se escondendo, meu caro. Porque, na realidade, você se esconde de você mesmo, sabia? De saída, cabe a seguinte afirmação, que não é sem importância para todos nós: uma mulher não está gozando na cama com seu marido! Esta afirmação abre caminho para algumas proposições. Ela já gozou alguma vez? Mesmo se masturbando, ela não goza? Isso teria a ver somente com o marido, pai de seus filhos? Ela sabe que não goza ou, até mesmo, ela sabe o que é o gozo, o orgasmo? Qual a sua participação neste fato de ela não gozar?

Não seria mais condizente perguntar sobre a sua não participação? Porque pode ser que você mesmo, macho que vai procurar suas caças em outras florestas, pode não estar suportando que sua mulher goze. Qual a



sua participação nesta morbidez conjugal? Ela seria uma puta! Onde já se viu a mãe dos filhos de um pai gozar, gemer, berrar, como se fosse uma vagabunda? Ou, será que você faz a suposição de que a senhora sua mãe nunca teve relações sexuais com o seu pai, que ela mesma nunca teria gozado? Uma mãe santa, Deus do céu! Isso é coisa que deve ser vivida fora do amor, fora de casa. Toda essa "sujeira" ficará numa outra, pois você necessita preservar a mãe de seus filhos. Anime-se, meu caro. Saia desta posição vitimada e, portanto, agressiva, invejosa e ciumenta, não é mesmo?



Sexo dentro de casa

Problemas de Família

FALE COMIGO

Dr. José Nazar

Caro senhor doutor

Li sua recente matéria sobre sexo no casamento. Confesso não saber afirmar se gostei ou não, somente posso dizer que me incomodou. Venho pensando sobre o tema, pois se trata de uma questão que não sai da minha cabeça, e que é muito séria para mim. Aliás, no meu trabalho, eu e meus amigos discutimos sobre o que o senhor escreveu. Sei também que minha esposa e suas amigas fizeram o mesmo. É lógico que elas adoraram. Minha esposa ficou jogando na minha cara: "você está vendo, neném - é como ela me chama quando quer gozar com a minha cara -, cuidado porque a corda pode romper do outro lado também". O senhor sabe como as mulheres ficam quando se unem em torno de algum ponto de vista contra os homens. Elas não são fáceis!

Sou um marido fiel. Amo minha esposa, é a mulher da minha vida. O que não quer dizer que eu não tenha fantasias com outras mulheres. Sei muito bem da vida de alguns amigos e colegas de trabalho, eles gostam de falar das suas façanhas. Alguns são terríveis, metidos a machos, não param de pular a cerca. Inclusive, dizem que isso faz bem para o casamento. O horário de almoço deles é prolongado demais. Quando dialogamos sobre o assunto, eles são unânimes em afirmar que fazem sexo por fora, e que isso é mais do que normal: "em casa é só para marcar o ponto".

Os argumentos são sempre os mesmos, e nisto eu concordo com eles, e aí está a razão da minha carta. No início do casamento, o sexo é ótimo. Na época do namoro, também. Parece que algumas mulheres são insaciáveis. Depois, a coisa vai esfriando, e quando vêm os filhos é neve o tempo todo. Eu não entendo o porquê disto. Não sei se isso é geral, mas tem sentido.

No meu caso, com a minha esposa, é assim: uma hora ela está cansada, não está afim, é a velha história do "deixa para amanhã, benzinho". Muitas vezes, tem que estudar. Outras vezes, são as crianças. Sem contar as inúmeras vezes em que ela está chateada com alguma coisa da família dela. Sempre tem um empecilho que impede o sexo. E nós dois



sabemos que quando acontece é muito bom. E o engraçado é que se eu fico na minha, cuidando das minhas coisas, logo vem ela: "é, eu sou uma viúva de marido vivo". Outras vezes, se faço alguma investida, é a mesma ladainha: "você não dá a mínima mais para mim e agora vem com essa conversa fiada de que não tem mais sexo nesta casa". Desisti de querer entendê-la. Como sou apaixonado por ela, sigo em frente, esperando por migalhas.

Tenho vergonha de contar detalhes, mas chega a ser engraçado. Minha esposa é professora de universidade. Ela ensina matemática, e eu a respeito muito pelos seus conhecimentos, e pelo carinho que ela tem pelos seus estudos e suas pesquisas. Confesso que fico com ciúmes dela com os livros. Um ciúme que às vezes me corrói por dentro, mas procuro não demonstrar.

Mas veja bem, senhor doutor, a que ponto a coisa chegou. Temos uma casa de praia e, numa bela tarde, estávamos somente nós dois em casa. Tomei banho, me perfumei, estava todo aceso para seduzi-la. Fui pro nosso quarto, todo assanhado prá cima dela, cheio de amor para dar. Eu estava louco para ficar com ela. Eu sabia que a coisa ia rolar, não havia desculpas de nada, sem crianças, sem cansaço, só nós dois e mais ninguém. Ela disse, com aquele jeito que é só dela: "espere meu bem que eu já volto". Fiquei ali na cama igual criança na véspera de Natal, à espera de um presentinho. Aquelas coisas que os casais carregam de uma cumplicidade: o tom da voz, os olhares, os sinais de que vai acontecer. Lá estava eu deitado, mais de quarenta minutos depois e nada! Achei estranho, fui até a sala e me deparei com a cena mais irônica da minha vida. O senhor acredite se quiser: ela estava inteiramente envolvida com seus estudos, seus livros de matemática, escrevendo sua tese de doutorado. Fiquei me sentindo um fracasso. Voltei para o quarto, cheio de raiva e rancor, e fui dormir.

Confesso que sou um muito odiento, rancoroso demais. Eu me ressinto facilmente das coisas e sempre fui muito sensível às respostas das pessoas que amo. Fiquei quinze dias em silêncio, sem falar com ela. E ela não estava nem aí, não lhe dizia respeito. E o pior é que ela dizia que não sabia o que estava acontecendo comigo, porque eu estava tão estranho daquela maneira. Como se nada tivesse havido, como se nada tivesse a ver com ela, doutor, continuou me acusando. Isso é normal?

Sinto que há uma acomodação sexual no meu casamento. Mas eu já disse: quando pinta é maravilhoso. Não sei se é assim mesmo com outros casais. Eu pergunto: as mulheres são mesmo assim? Elas gostam menos de



sexo do que os homens? Isso é normal nos casamentos? Meus amigos já me disseram que se eu arrumar um galho fora de casa, assim ela iria me procurar um pouquinho mais. Fico lá com minhas dúvidas, não quero fazer besteiras, tenho um bom casamento e sempre me preocupei com a educação de nossos filhos. Isto é o que eles dizem, eu mesmo estou perdido, não sei o que fazer para que a coisa mude.

Jorge dos Santos

Outro dia, conversando com um amigo que conheço há muitos anos, disse-lhe que o artigo daquela semana sobre *Sexo fora do casamento* havia dado o maior ibope, um recorde de visitas no site. Ele, muito inteligente, disse-me na lata: "quero ver se alguém vai querer saber se você escrever sobre *Sexo dentro do casamento*". Concordei com ele, e seguimos em frente às gargalhadas. E agora vem você com sua carta sobre este assunto.

Que coisa triste, não é mesmo, Jorge? Como é que sua esposa foi fazer isto com você? Meu Deus, você estava ali, cheio de amor para dar, e ela o trai... Com os livros. Pobre Jorge, traído em seu desejo, recua. Por que você recuou se você mesmo diz que aquele era o dia de abater a franga, e que ela mesma nem teria para onde escapar? Que maldade, a criança ficou sem o seu presentinho de Natal!

Mas você recuou para gozar com o rancor... Era isto o que lhe interessava. O seu recuo estava a serviço de um gozo que você mesmo ignora. Como é possível que alguém prefira gozar no rancor? É possível! Você optou por dormir com o rancor, ao pé da letra, fazer sexo com ele. Talvez você tenha vivido com ele uma noite inesquecível. Quem sabe?

O problema das relações amorosas não é fácil de ser administrado. É complexo demais, o casal, um e outro se atrapalham com seus traços sintomáticos, suas fantasias, suas dificuldades. Em todos os tipos de relacionamentos, vivemos momentos felizes que se alternam com descontentamentos. Como tudo na vida, há altos e baixos. O difícil, numa relação conjugal, é acreditar que podemos processar mudanças em seu interior, dentro do próprio relacionamento. Romper não é uma tarefa difícil, é até fácil demais. O rompimento pode se dar também a partir de uma relação por fora, uma espécie de mandato tampão, de muletas sucessórias, dos galhos pelo caminho. Rompe-se uma, duas e, assim por adiante. Rompemos fora, com o outro, tudo aquilo que é doloroso demais mudar dentro de cada um de nós, de ser retificado internamente.



A conjugação do amor, do desejo e do sexo num casamento que constituiu uma família requer uma atenção e um cuidado muito especial. Eu diria que se trata até mesmo de uma arte. Administrar um casamento é saber lidar com crises progressivas, com as migalhas que vão brotando do desejo de um e do outro. Isto requer uma mestria, uma política.

Como viver uma relação que não seja corroída em sua autoestima, que possa apresentar uma elasticidade suficiente no sentido de não se fazer aniquilar por uma indelével corrupção, tanto do lado do homem quanto da mulher? O encontro de um homem e de uma mulher é, por demais, traumático. Os jardins por onde florescem o amor e o desejo é habitado por roedores, utilizados como meios de proteção. Eles nos protegem, são defesas não pensantes que utilizamos sem saber: acusação, intolerância mútua, agressividade gratuita. Homem e mulher se fazem corroer em suas estimas conjugais. Há um temor, um verdadeiro medo de que a coisa dê certo, que avance um pouco mais, medo de que uma relação amorosa possa vir a ser boa demais. A ruptura é um meio de nos protegermos de situações dolorosas.

O que dizer de uma relação amorosa, conjugal, e com filhos? É difícil saber no que isso tudo vai dar. Realmente há uma tendência da mulher, quando se torna mãe, de vir a deslocar uma libra de gozo para seu rebento. Resta saber como o homem, aqui também como um pai, irá relativizar este momento. Saindo fora, buscando galhos que a isto tão bem se prestem. Como insistir numa relação que leve em conta um questionamento por onde se realize uma constante construção de laços mais íntimos e mais sólidos na relação de um homem e de uma mulher, dentro do contexto familiar? Podemos apostar no progresso de uma relação que se sabe, de antemão, não ser nada fácil?

Sabemos que é justamente quando tudo começa a caminhar melhor que os problemas aparecem. Isto é bom, é signo de progresso. Entre um homem e uma mulher, na conjugalidade, temos verdadeiros sintomas. O sintoma de cada um pode atrapalhar, pode fazer com que as coisas desandem e que emperre uma relação. É quando, justamente, cada um diz para o outro no sentido de acusação: "você só olha para seu umbigo". Cada um só olha para o próprio umbigo, quer dizer, só quer saber de seu próprio gozo. As verdadeiras conquistas têm um preço muito alto. Muitos preferem uma saída mais econômica, uma evasiva. Será que cada um está disposto a pagar o preço de uma relação?

Uma vida conjugal não é essa maravilha toda com que sonhamos. Se fosse tão fácil não teríamos tantos desencontros em nosso dia-a-dia, as



puladas de cerca, as separações. O bom casamento é aquele que inclui a marca de um gozo inesquecível e deve ser preservado. É o que temos de melhor quanto se pensa numa procriação, na fundação de novas gerações. É custoso, mas sabemos que tem lá suas compensações, não é mesmo Jorge dos Santos? Porque senão você mesmo não continuaria casado com sua esposa, se queixando, à procura destes restos de gozo. Sábia a sua mulher, ela realmente porta um saber inigualável! Se ela te oferecer algo a mais, algo que ultrapasse migalhas de gozo e de desejo, o casamento de vocês dois há muito já teria se acabado. Ela dá tão somente aquilo que não tem, reinserindo uma falta, em seu limiar possível de reencontros. Eu vou explicar e você mesmo irá concordar comigo.

Se você realmente quisesse, já teria arrumado seus galhos por fora. Isso é a coisa mais fácil que existe. Escreva isto, meu caro Jorge: galhos não fazem árvores! As verdadeiras árvores, estas que se tornam frutíferas, jamais poderão ser construídas com galhos arrolados no meio do nosso caminho. Uma árvore sim, tem lá seus galhos. Os problemas que estão aí não cessam de se colocar justo para serem enfrentados, tão somente nas quatro paredes de uma vida íntima entre um homem e uma mulher, de uma vida conjugal.

Os problemas conjugais devem ser enfrentados no seu cotidiano tal como eles se apresentam. Não convém uma cega obediência a esta ou aquela norma, a este ou aquele ideal. A relação entre um homem e uma mulher não é de todo linear. Ela é suja de surpresas que provocam tremores que habitam os alcovites de uma loucura sem fim. O que se passa entre um homem e uma mulher? Será que sabemos, será que temos consciência das consequências deste encontro?

O diário que testemunha a vida de um homem e de uma mulher, que se querem juntos numa família, é temperado ao som de um erotismo que se deixa tocar na intimidade de um corpo a corpo tinto de gozo e de desejos desvairados. Este momento é o sagrado que clama por um cântico de falas que balbucia o som de um mistério a dois que deve se tornar o mais cúmplice de si mesmo: todos os nomes, todas as palavras, sem pudor, sem distanciamento, sem vergonha, desavergonhado de um gozo que lhe advém como refém de uma dádiva divina. Mas, então, por que enfrentar problemas? É tão mais fácil procurar os galhos fora, eu não corro risco algum de cair e me machucar.

Veja bem, meu caro Jorge, pular cerca é reserva de mercado dos normais. Somente os normais pulam cerca! Você me entende? A normalidade do ser humano é, por assim dizer, sua patologia por



excelência. Ela é o ultraje que peregrina os alicerces humanos, que tem por função impedir o nascimento do desejo, isso que celebra possíveis aproximações entre um homem e uma mulher. O sujeito que pensa e que, portanto, deseja, há muito se divorciou de uma suposta normalidade. O bom homem é justamente aquele que resiste às normas ditatoriais que estrutura o difícil universo das relações humanas. O bom homem se divorciou da normalidade. O sujeito que deseja é aquele que vive realmente uma vida imersa em conflitos a partir de uma particularidade. Ele não foge do enfrentamento de constantes desafios que as relações conjugais se lhe apresentam. O ser do desejo sai desta então normalidade e parte para uma assimilação das crises e das angústias, à cata de verdadeiras conquistas junto da mulher que ele escolheu como sendo sua parceira. Por outro lado, o normal é aquele que, frente ao primeiro obstáculo, pula a cerca, parte à procura de galhos normativos. São verdadeiros traidores de si mesmos, fracos, vingativos, ressentidos, reféns de um normativo princípio do prazer. Eles são por demais preconceituosos, sabia? É estranho, parece paradoxal, mas é a mais pura verdade. Pobres coitados, eles próprios estão sempre à procura de normas. Isso é fácil demais, não tem graça.

Mas parece que não é o que você deseja, não é Jorge? Você diz que deseja a sua mulher, esta que escolheu para viver ao seu lado, para construir uma família. E esse é o caminho que você deve trilhar. Siga seu caminho, deixe seus amigos fazerem o que julgarem melhor, para eles e outras ovelhas que quiserem segui-los. Deixa-te ser em seu caminhar junto de sua mulher, mas sem rancor, sem ressentimento, sem ódio. Não sei se você sabe, mas quando usamos bem as palavras, a coisa flui mais levemente, o sexo rola melhor, o erotismo se alastra como fogo nas florestas no calor de verão.

Você mesmo pergunta o que é normal, se isto ou aquilo. Será que podemos regrar as coisas que dizem respeito a uma relação amorosa, erótica, sexual? Um encontro de corpos onde temos fantasias que não cessam de alimentar um gozo magistral? Acho difícil! Ou, melhor, é impossível. Preste atenção: tudo é possível, você entende? Se parto pela via de um caminho menos custoso e angustiante, então vou buscar fora aquilo com o que tenho medo de me envolver dentro de casa numa relação de verdade com uma mulher. Depois de um tempo, com a chegada de filhos e dos projetos em relação a seu futuro, o erotismo tende a ceder. Insista! A música, meu caro, não pode parar.

Realmente, há uma questão sobre a figura da mulher. É algo que merece ser pensado. Depois da maternidade, há um esfriamento sexual na sua relação com o marido, seu homem. Isso é lógico, é estrutural. Diríamos



mais: é necessário. No momento do nascimento, e algum tempo depois, a criança será investida de todos os cuidados da mãe, inclusive sexualmente. Tanto na época da gravidez quanto no período pós-parto, temos a emergência de momentos críticos pelos quais pai e mãe “se esquecem” enquanto homem e mulher, enquanto sexo. Um e outro, homem e mulher, esquecidos de si mesmos, partem em direção a novos argumentos, novas cumplicidades. Uma nova ética da relação será relançada na estrutura conjugal, agora tendo um novo participante, um filho ou uma filha. Uma nova cumplicidade, lugares novos e distintos. Muitos homens se queixam da falta de desejo sexual por parte da mulher, que está, ali, centrada na maternidade. Pode-se dizer que, do lado dos homens, este é o momento onde é dado a ver saídas a procuras de galhos. O macho encontra, aqui, álibis e justificativas para seguir em frente em suas conquistas passageiras. Portanto, o momento em que a mãe estabelece uma relação mais intensa com a criança é propício para que o macho neurótico vá saltar as cercas nos quintais vizinhos, próximos ou distantes. Com isso, ele se atualiza, como criança, uma relação imaginária com sua mãe. O enfrentamento deste vazio permite ao casal, homem e mulher, a assunção de um novo status que pode fundar gerações, a partir de uma estabilização da relação em si mesma. É o momento crítico, que pode levar pro melhor ou pro pior. Um momento de decisão.

Como fazer o luto desta criança rancorosa que te habita e que você se vê desejando e sendo desejado a partir dela? Será que você deseja mesmo avançar em sua relação amorosa com sua esposa, a partir de um processo de constantes reconquistas? Mas eu teria de abrir do rancoroso, deste bem precioso que carrego comigo mesmo. Se eu permaneço identificado à posição do rancoroso, estarei freqüentando uma posição subjetiva, que é contaminada pelos sintomas da minha historicidade, pela qual você se vê sendo visto tão querido quanto amado? Você poderia muito bem ter ido até lá e seduzido sua mulher, mas não o fez, pois preferiu dormir com o rancor. Ah! Meu Deus, esse rancor me ama!

As mulheres realmente não são tão fissuradas no sexo quanto os homens. Mas uma coisa é certa, caro Jorge, quando elas são bem tratadas e seduzidas, há um desabrochar sexual. Há um ponto que se observa nas mulheres e que deve ser assimilado melhor pelo casal. O gozo sexual não é tão simpático para com as mulheres, ele é antipático, é traumático. De fato, mulheres têm uma dificuldade maior em alcançar o gozo, o orgasmo no ato sexual. Para elas, o gozo se avizinha, ora com a loucura, ora com a morte. Por isso mesmo, há, por parte das mulheres aquele “vamos acabar



logo com isso". Não parece ser o seu caso, sua mulher goza, pelo menos é o que você diz, e que quando acontece é muito bom.

Muitas mulheres não sabem se gozam ou não. E outras tantas, frente à angústia do meio do caminho, fingem gozar. Principalmente garotas que se deixam nestas relações de galhos. O macho fica enlouquecido com os berros que estão aí no lugar de um gozo sexual. Mulheres fingem gozar um gozo que vem como suplência às exigências de homens mais inseguros.

Então, o que fazer no sentido de um progresso na relação com sua esposa, caro Jorge? Sabemos que falta alguma coisa, falta algum movimento de ambos os lados. Ela tem um desejo, seu desejo de saber, o que a leva a um apego aos livros. O que é bom para todos vocês, fundamentalmente, seus filhos. Ainda mais, na construção de uma tese! Você a respeita nas suas escolhas e não deve, em hipótese alguma, cair na besteira de rivalizar com seus livros. Pelo contrario, ajude-a neste intento. Você disse que quando acontece, o sexo é muito bom. Então, aposte cada vez mais nesta direção. Dê longas férias para o rancoroso, ok?



A Falta que faz um Pai

Problemas de Família

FALE COMIGO

Doutor José Nazar

Tenho 32 anos de idade, sou mãe de uma menina de 6 anos e nunca me casei. Resolvi ter esta filha e criá-la sem pai. Durou uma noite. Ele é casado, colega de profissão, reside em outra cidade. Eu já o conhecia de alguns encontros de trabalho, e sempre soube que ele é casado, pai de dois filhos. Fiz de caso pensado: escolhi este homem para me dar esta menina.

Nunca estive nos meus planos viver uma vida de casada com alguém. Sou bem sucedida na minha profissão, respeitada no que eu faço. Eu e minha filha formamos uma família, falamos a mesma língua, nos compreendemos bem. Vez por outra, saio com um ou outro homem, simplesmente para fazer sexo, nada mais que isto, ninguém fixo. Eu disse, eu e minha filha, nos bastamos uma para outra. Nunca tive boa relação com minha mãe, então procuro dar a melhor das mães para minha filha. Loucura ou não, é assim!

Em momento algum acreditei que ela necessitasse de um pai. Fui levando e bem. Agora, começaram os problemas: ela não quer se relacionar com ninguém, recusa de alimentação e baixo rendimento na escola. A coordenadora da escola me chamou para conversas e tocou nesta questão do pai. Ela conta para amiguinhas que o pai está viajando. É o que eu contava para ela, mesmo antes dela falar.

Penso que ela esteja se sentindo inferior em relação às suas amiguinhas pelo fato de não ter um pai. É possível? É necessário pai dentro de casa? Não sei se pai faz falta. Sempre achei que não, dava para ir levando. Estou começando a me convencer de que não é bem assim. Gostaria de orientação. Adelaide Saraiva.

A falta que faz um pai!

Uma estrutura familiar não é sem um pai: um pai é necessário, ele realmente faz falta. Pai e mãe são funções distintas, cada um tem sua importância, um lugar específico na vida psíquica e emocional do filho e da filha.



Que falta faz um pai? Isso depende da mãe, do desejo materno. A mãe funda o pai, o reconhece, o inaugura; o desejo da mãe o legitima para seus filhos. Isto, logicamente, também vai depender das insígnias, das qualidades, dos atributos do pai. De todo modo, a coisa passa pela mãe, depende dela.

Você resolveu ter uma filha tão somente dentro de seus propósitos e de seus interesses. Não pensou em se casar, no sentido de estabelecer um projeto, no intuito de procriar. A questão é que filhos nascem de uma conjugação de desejos de um homem com uma mulher que se querem e se escolhem para construir um futuro. É o que se espera, é o que se observa na maioria dos casos, o que não quer dizer que não possa ser diferente. Você não se colocou outra opção a não ser esta: fazer uma filha e educá-la sem a presença efetiva de um pai. Esta filha carrega então o peso de um sentimento de inferioridade em relação às amiguinhas, ela não tem pai, sente-se menos, é claro!

Portanto, você nos afirma dentro de seu próprio engano: você deixou o pai de fora, você o tripudiou, brincou com ele e está sentindo na pele que isto não é uma coisa com a qual se possa brincar. Um pai, no mínimo, merece o respeito. Não se trata um pai desta maneira, tão desdenhosa, de um uso e abuso. É lógico, temos a outra parte: há aquele que se fez usar. Mas você, mãe desta menina em sofrimento, brincou uma brincadeira cara, amarga, com um custo muito alto.

A função paterna é algo da ordem do sagrado na estrutura da família, de uma família que se quer como tal, que quer filhos bons e bacanas, no encaminhamento de filhos possivelmente mais saudáveis, menos sofridos, nesta vida que não é fácil de ser vivida com dignidade.

Digo, e insisto, o seu movimento de ter uma filha foi tão somente a partir de seus caprichos neuróticos. Você, minha querida, deu a ver que seria só por uma noite, mas esqueceu-se que esta noite vale por uma vida. Pensou unicamente em si mesma, não quis saber de mais nada, pois em momento algum você pensou nela, na sua filha por vir, nas consequências sobre ela em seu futuro, o que poderia ou não acontecer com ela nesta triste aventura consigo mesma. É justo? Digo isto porque, parece-me, que você pensou tão somente no seu gozo, no seu umbigo, a partir de seu narcisismo.

Os distúrbios dos quais sua filha está sofrendo - inibição, queda no rendimento escolar, anorexia, embotamento afetivo -, representa uma verdade que te habita e que, por alguma razão, você nunca se permitiu



saber. Sua filha sofre os efeitos desta história silenciada que você carrega, não sem um alto custo. O sintoma desta filha é a resposta a estes desejos desconhecidos que te habitam, como mãe, e que você carrega dentro de si e que se fizeram atualizar na origem desta menina. Poderíamos dizer, ao contrário do que diz, que você provocou a origem desta filha num ato, sem pensar. Mesmo que o diga que fez de caso pensado, acredito que não: você foi levada a se fazer engravidar sem pensar, a partir de seus fantasmas inconscientes, de elementos de sua historicidade.

O sofrimento que sua filha apresenta é um apelo, um pedido de ajuda dirigido ao pai. Ela pede um pai que você se recusou a dar a ela, e que lhe é de direito. Um pai que você surrupiou, trancafiou, impedindo-o de qualquer dom de legitimidade. Que se diga, um pai que você nunca deixou se aproximar desta filha, pois ele "está sempre viajando", e não se sabe bem para onde e quando retorna, por isso mesmo ele nunca chega. Que pai é este que você passou para sua filha? Um pai, certamente, da sua própria história de vida.

Pobre filha, pobre menina! Mas, agora que ela pode pedir pelo pai, ela não deixa por menos. Graças a Deus! Ela pede forte, no corpo, ela implora, ela o quer, ela cobra, ela exige sua presença. Esta filha *fala* este pai ausente, mais que ausente, *recusado*, justo a partir da presença maciça de seus sintomas no corpo. A menina, que sofre na carne os desencontros da vida conturbada desta mãe, agora quer a verdade: chega, chega de enganos! Quero um mínimo de verdade! A menina, que sofre no seu corpo as mentiras de uma mãe, quer que a verdade seja dita, que seja falada. Ela quer saber deste pai. Onde ele anda, quando irá retornar. Pai, onde estás, porque não me escutas? Isso não é pedir demais, um pedaço de verdade que seja, sim, falada por esta mãe, que lhe seja dada voz, que seja colocada em palavras e nada mais!

Você me faz duas perguntas distintas que se encaminham para um mesmo ponto lógico: o que é um pai? Sua pergunta é pertinente, pois o pai pode não estar presente, ele pode faltar, sim! Mas o importante é que algo possa vir em seu lugar. Nada, nenhum namorado, nenhum outro para além dela, sua filha, que fala sua língua, a "mesma língua". Veja bem, minha cara, os sintomas de sua filha a estão salvando de um mal bem maior, de doenças mais graves. Ela quer falar sua própria língua, uma outra língua, e o faz a partir de sua anorexia. Um signo, uma mensagem cifrada: decifra-me ou te devoro, eis a questão, mamãe querida.

Um pai pode vir a faltar como presença física. Mas a função do pai como algo efetivamente ativo e operante, é necessário que possa



comparecer a partir do desejo e da fala da mãe, o que não é o caso aqui. Mas alguma coisa mais forte que você mesma se impôs, barrou seu gozo avassalador em relação à sua filha e fez falar o sintoma no corpo desta menina. Veja bem, minha colega, que coisa interessante e que somente a psicanálise pode alcançar, somente ela pode afirmar: um pai sempre opera no regime de uma função, pois ele não é necessariamente o genitor. O provedor, o educador, isso por si só não o define, não basta para definir um pai. Nem mesmo o registro civil, isso é pouco! O que é um pai, não o pai, que não existe, mas sim *um* pai? O que é um pai, verdadeiramente? Não é, necessariamente, este que participou do ato sexual, que condicionou a origem desta menina. Não! Não é só isto! Isto não basta para definir um pai no sentido das gerações. Um homem é um pai se você, enquanto uma mulher, o reconhecer como tal, como causa de seu desejo como mulher, aquele que barra seu gozo avassalador em relação à sua filha. Aquele que se coloca como um para além da criança, do filho, como único objeto de satisfação para uma mulher. Tudo, porém, irá depender de você reconhecê-lo, ou não, como agente de um desejo que está na origem do nascimento desta filha como representante da lei que interdita a relação incestuosa mãe-filha. É isto: somente você, como mãe desta menina, pode abrir portas para que este pai dê nome a ela. Ela pede por isto, por isto ela sofre.

É necessário um pai dentro de casa? Ele faz falta na educação e no desenvolvimento de um filho, de uma filha? É o que entendi, não é isto? É isto. Um pai sempre faz falta na estrutura de uma família. Aqui, em todos os sentidos, você me entende? O que não quer dizer que ele não possa faltar numa relação mãe-criança, não estar aí. Pode acontecer, por alguma contingência, que ele falte. Pode ser que, por uma separação prematura, uma morte ou uma carência, mesmo estando fisicamente presente, ele não opere como pai. Como também ele pode estar presente como pessoa e não funcionar como um pai, como uma função simbólica. Em todo caso, importa que a função paterna possa vigorar, pelo menos através do discurso materno, que a criança possa se autorizar em seu desejo, em sua língua própria, não é mesmo? Mas esta língua depende da conjugação de dois desejos para que seja suficiente para sustentar uma existência digna.

O fundamental é que possamos entender que a falta que um pai provoca ela própria é fundamental na formação da cabeça da criança em seu desenvolvimento psíquico, que vai reger todos os passos futuros de um filho ou de uma filha. A presença ou ausência de um pai promove um tipo de falta que é muito específica, que retira a criança da condição de objeto de gozo materno. A falta que um pai inaugura no psiquismo da criança é condição única para que esta venha a desejar tornando-se sujeito do



desejo, sujeito de direito. É quando, muito cedo, o olhar da mãe vai se dirigir para além da criança, e este mais-além, enigmático, para onde se dirige o desejo da mãe, salva a criança de todos os tipos de transtornos mentais. "Ah, então não sou tudo para esta mãe? Quer dizer que há algo para além de mim mesma? Para além do que ela me diz em relação ao que realmente ela deseja? Há outra coisa: um pai?" Sim! Este deslocamento é crucial para o desenvolvimento, no sentido do amadurecimento psíquico da criança, das escolhas por vir, de produção ou não de patologias, de sucessos ou fracassos, amorosos e profissionais.

Ela, a falta de um pai, é única! É a ética por excelência. Sua presença produz uma falta que abre para o desejo da criança. Sua ausência, como neste caso, pode produzir um buraco na vida subjetiva abrindo portas para uma patologia mais grave ainda, que se torna irrecuperável. Um pai é justamente este que salva a criança de uma invasão do gozo materno. Ele cria condições de desvelamento desta figura materna enquanto mulher. Os anseios e caprichos maternos se tornarão menos pesados sobre o filho ou a filha.

A presença de um pai funda o universo simbólico de uma criança. Você, certamente, me entenderá. No caso desta menina, seu universo é a mãe: nada mais que isto! Esta menina, desde sempre, foi colocada numa posição de objeto do gozo doentio desta "mãe", prestando um serviço de complemento de todas as faltas desta, por assim dizer. Como afirmou ela mesma, de caso pensado. Meu santo Deus, que raiva você tem da figura paterna! Você castrou o pai, nada mais que isto! Vamos agir para salvar sua filha, garota. Urgentemente, pois você, ao desejar ser uma mãe idealizada, acabou errando e produzindo o pior: a anorexia de sua menina quer dizer isto: BASTA! Chega de tanto amor, chega de tanta invasão, não quero mais, mãe!

Se você, cara doutora - você me chamou de colega, não é mesmo? -, quer saber se sua filha vai adoecer psiquicamente pela falta do pai, eu te digo, com todas as letras: SIM! E muito! Ela já está dando sinais, e o vagão certamente irá descarrilar. Você está adoecendo sua filha, você a está sufocando, acabando com sua vida. Pelos simples caprichos da cabeça de uma mãe enferma, você atualizou um desejo doentio de ter sua mãe somente para si, não é mesmo?

Você pode ser excelente na sua profissão - temos casos assim, aos borbotões -, mas está sendo uma das piores mães que existe na face da terra! Péssima, egoísta, doente em seu querer narcisista! Pois você poderia ter oferecido para esta menina pelo menos um substituto de pai. Não! Você



a tomou somente para si! ao pé da letra, como objeto de seu gozo doentio. Isso é grave! Mas ela está reagindo, está colocando lei nesta história. É lógico, você mesma está despertando, abrindo as ruelas de seu inconsciente. O que você ofereceu a ela? Uma mentira, um pai que está viajando. Pai, quando você irá chegar? Ela, sua filha, é sabia. Ou, pelo menos, seu inconsciente: fez patologias como uma maneira de não enlouquecer. Os sintomas são as formas distorcidas de chamar pelo pai, no lugar de um pai.

Graças a Deus, minha colega, uma verdade quer falar, porque você não conseguiu ainda se dizer nesta história. Uma verdade quer falar através dos sofrimentos de sua filha. Diga a verdade para ela, solicite a paternidade, converse com o homem da sua escolha neste ato sexual, ainda há tempo. Fale com ele, ele irá assumir a paternidade da filha de vocês. Ela necessita conhecer este pai, você me entende, não é mesmo? Eu não disse: ela deveria conhecê-lo; eu disse: ELA NECESSITA! É necessário, não pode faltar, é obrigatório, é de direito, pois senão será um crime o que você estará realizando. Dê o pai que é o dela, não o mate em vida. Não é justo, ela irá decidir no futuro o que fazer com este pai. Houve um erro, isso é humano. O importante é corrigirmos este erro por onde você procurou atualizar uma fantasia da criança que você teria sido, só, com sua mãe. Tomou sua filha como objeto de seu gozo narcísico, egoísta, recusando-se a dar a ela seu bem mais precioso: UM PAI! Um pai bom, um pai ruim, como saber? Não temo garantias, só saberemos depois. Tudo irá depender da modulação da estrutura do desejo de cada filho. Mas corra, corra mesmo, e encontre este pai!



A Escolha de um Bom Marido

Problemas de Família

FALE COMIGO

Doutor José Nazar

Acho que o meu questionamento é diferente dos que você costuma responder. Eu tenho apenas 22 anos de idade, moro sozinha e estou me encaminhando para construir uma família, o que requer mais cautela para que eu tenha uma família saudável.

Durante muitos anos fui filha única, mas, hoje tenho uma irmã de 7 anos, e perdi o meu pai aos 11 meses de idade, tive uma infância muito sofrida pela falta do meu pai e o meu sonho sempre foi ter uma família normal. Sou muito carente em um relacionamento, mas também sou muito amável e carinhosa.

Minha mãe sempre foi empregada doméstica, e me criou com muito esforço, mas no fim eu dei certo. Sou Assistente social recém-formada e tenho o meu primeiro emprego exercendo a profissão. Namoro com um rapaz há 3 anos, e eu sempre me imaginei em um futuro com ele. Ele é muito calmo, muito carinhoso, me respeita, tem 23 anos e também está começando a vida, como eu.

Porém ele também é filho único, de mãe solteira e o único contato que teve com o pai foi um dia aos 12 anos quando seu pai foi judicialmente obrigado a registrá-lo. Ele disse que não quer ter contato algum com o pai e que para ele, ele não tem pai. Mas como ele sempre morou com a mãe, acabou criando uma relação que eu não acho saudável.

Aos 22 anos sua mãe não o autoriza a dormir na minha casa. Ele fura compromissos comigo porque de última hora sua mãe quer que ele o leve à casa de alguém. Ele não consegue decidir nada sem a ajuda minha ou da mãe dele e finalmente ele não tem planos de viver longe da sua mãe. Sua mãe tem 65 anos, é aposentada, e eu a acho muito sozinha, não faz muitas atividades e quando ele fica um pouco mais ausente de casa ela o desaprova. E ele faz de tudo para que ela não fique chateada com ele.

Existe uma possibilidade de eu conseguir a família saudável que pretendo construir com um rapaz tão ligado à mãe, a ponto de me deixar sempre em segundo plano? Estou exigindo muito querendo que ele tenha



uma vida mais independente da sua mãe já que ele pretende um compromisso comigo? Essa simbiose dele com sua mãe é saudável? Será que pelo fato de ser muito carente estou exigindo muito dele?

A escolha de um bom marido!

Qual a garantia que se tem na escolha de alguém para um compromisso mais duradouro, no sentido de constituir uma família? Quando é que se pode afirmar tratar-se de uma boa escolha, uma escolha verdadeira? Por que razão isso que julgamos bom pode estar referido a uma distorção psíquica, paradoxal, a uma necessidade inconsciente de gozar no sofrimento, na ruptura, na dor. Pode-se escolher alguém justamente para não dar certo?

O problema apresentado por você é complexo e requer cuidados, pois diz respeito ao seu futuro. O que fazer? Isso deve partir de você. O problema de seu namorado é a dependência da mãe que ele carrega. Isto é problema dele! Será que ele sofre com isso?

Seu dilema em relação à aposta no seu relacionamento amoroso não é algo fácil de suportar, pois não se trata de simples escolha do homem de sua vida, mas, de como você realizará esta escolha. Quer dizer, de que lugar você se interrogará se esse é o parceiro que responde ao seu desejo de construir uma família.

O maior problema não é a escolha de um bom futuro marido, mas remonta a algo anterior, referido à origem de seu desejo. Somente a partir daí você vai poder construir uma escolha amorosa. Eu diria que você está numa encruzilhada, onde é preciso se questionar sobre o seu desejo. Nesse sentido, melhor seria você procurar um psicanalista e depois, sim, preocupar-se com namorado. Vá se perguntar o que teria sido um pai em sua vida. Qual lugar que você supõe ter ocupado no desejo dele.

Isto porque a sua escolha amorosa está contaminada. Você está buscando um homem para sua vida a partir de uma falta de pai. Um pai que se foi muito cedo, levando a um profundo trauma, que não é sem consequências. Que tristeza! Não queira, através de um marido, salvar seu pai. Procure se questionar pouco mais sobre este ponto, para fazer uma escolha limpa de perdas não elaboradas.

Você é uma garota de valor. Uma guerreira, que luta e que conseguiu sobreviver a perdas terríveis, irreparáveis, em sua história de vida. Sair de



onde você saiu e caminhar tão bem como está caminhando, só Deus sabe, o investimento que tem feito para estar indo tão bem. Repare na sua escrita, ela é testemunha de alguém que tem muito para dar a si mesma. Você não vestiu o manto da vítima, foi à luta e tem muito mais pela frente. Se não se paralisar nesta história com esse rapaz, você poderá muito mais.

De onde parte a escolha de um homem ou de uma mulher para que se realize um casamento? Ela teria a ver com a história de cada um, tal como se deram as escolhas que pais e avós realizaram? Sim, é verdade que as escolhas que se realizam dependem dos modelos que se carrega na bagagem familiar: o desejo dos ancestrais, consciente ou não. Na maioria das vezes, a escolha se processa a partir daquilo que não se sabe e que se realiza sem saber muito bem o porquê. Somente se dá conta depois – veja, isso é inconsciente. “Puxa vida, dei voltas e voltas para fugir do modelo dos meus pais, e fui escolher a dedo, justamente alguém igualzinho ao papai ou, à mamãe”! Ou seja, as escolhas de um parceiro ou de uma parceira se estabelecem a partir de elementos que constituem a historicidade particular de cada sujeito, a despeito de se saber ou não. Escolhe-se, sim, a partir dos pais, ou melhor, a partir de uma referência que habita o psiquismo humano que se chama pai. “Mas, então, são meus pais que escolhem em mim?”. Sim! A vida inconsciente governa a vida de cada um: “faço um esforço enorme para não repetir a história de meus pais e, quando vejo, lá estou eu fazendo o mesmo ou pior”. É sempre assim, a não ser que você realize uma leitura clara do texto que rege sua vida.

Você diz que quer constituir uma boa família e que, portanto, está preocupada com seu namorado que é um bom garoto, mas que ainda se encontra ligado demais à mãe, monitorado por ela, prisioneiro de seus caprichos. Ele vive uma total divisão, pois tem uma namorada, mas parece estar casado com a mãe. Não se trata de algo simples, alcançável conscientemente. Não, a coisa é mais forte, como se diz, está na carne! Será que dá para você competir com ela? Digo mais, trata-se de uma batalha, de antemão já pelo outro lado. Uma mulher que queira se casar com um homem tem de encontrar na sua futura sogra uma boa cúmplice, não uma rival. Saia desta e introduza na relação com ele uma falta, pois será bom para os dois.

Lembre-se, minha cara, que não se trata de uma relação qualquer de um filho com uma mãe. Trata-se de uma estrutura doentia, pois ele ficou no lugar do homem desta mãe, ele teve um pai que ele próprio não reconheceu e isto é muito grave. A mãe deste rapaz tomou este filho como objeto de um gozo perverso.



Você acha que ele vai abandonar o confortável lugar de filho e marido da mãe, em troca de quê? Você mesma, em sua consciência, acredita que ele será capaz de pagar este preço? Como, de que maneira, ele poderá acreditar que a mãe poderá sobreviver sem sua presença? Ele terá que elaborar muitas coisas, fazer o luto deste lugar que ele foi colocado - e que, portanto, se acomodou - de objeto de gozo desta mãe.

Ninguém escapa das identificações que se estabeleceram desde nossa primeira infância. Todo sujeito humano é escravo, é dependente do que recebeu de palavras, de traços, de escolhas, de modos, de condutas e, fundamentalmente, do que não é dito no ambiente em que se constituiu. É aí que mora o perigo: daquilo que, por alguma razão, não é falado e que fica por se dizer habitando nas entrelinhas do discurso do casal. Por isso mesmo, para além do que é falado ou não para uma criança, há o tom, a modulação da voz, há o desvio do olhar, tudo aquilo que não é explícito quando os pais se dirigem aos filhos. O bebê, a criança, o jovem, capta tudo o que habita as entrelinhas da fala de seus pais: "Minha mãe está me dizendo isto, mas, para além do que ela me diz o que realmente ela quer me dizer?". Está colocada a questão. O que este jovem captou desta mãe? E você, que perdeu seu pai com onze meses de nascida? Pergunte-se: porque justo este rapaz?

Você quer construir uma família saudável. Sua preocupação é justa, é legítima. Basta olhar para o seu histórico para observarmos quão dura foi a sua vida, o seu passado de desencontros, as suas faltas. Os escombros, as dúvidas, as descrenças, as incertezas, as inseguranças financeiras e emocionais, a falta de um pai. O lúgubre clima de um abandono! Não queira preencher esta falta com um "bom" marido. Arrume um homem que possa desejá-la como uma mulher.

Mas, você, minha cara já deu a volta por cima, é uma vencedora. Algo de muito bom a senhora sua mãe passou que permitiu a você trilhar o caminho da lei e das conquistas. Ao mesmo tempo, é aí que você deve estar atenta, pois ao querer fazer o contrário daquilo que se passou com a sua história familiar - você perde o pai muito cedo, filha de uma empregada doméstica. Você pode estar buscando o mesmo caminho.

De certa maneira, todos têm preocupações sobre o futuro de um investimento, tanto no plano afetivo quanto no âmbito profissional. Se o que se pretende fazer corresponderá ou não às expectativas, é assim que se vive frente aos projetos futuros. Faz-se o que se pode para que os resultados se aproximem do esperado. Procura-se, ao máximo, minimizar margens de erros. Há que se levar em conta algumas dificuldades.



Aprende-se que a vida não é linear, tão pouco é domável assim, a partir de um simples querer consciente: “quero que dê certo, vou me esforçar para que seja como planejo. Quando me dou contas, já estou seguindo outro caminho, distante daquele que almejei”. Algo dentro da vida psíquica que leva cada um a percorrer caminhos diversos daqueles traçados antecipadamente, o sujeito humano é levado a fazer coisas contra seus próprios projetos, mesmo que se julgue não ser nada daquilo que se deseje para o futuro. A vida não é tão simples, ela requer um pensar maior, com questionamentos verdadeiros, elaborações e retificações das direções a serem seguidas. Ela determinada pelas vidas daqueles que carregamos como nossa história, nossas origens, nossos pais, nossos antepassados. Como pagar o preço para não repetir suas faltas, seus erros?



Filhos bons e bacanas!

Problemas de Família

FALE COMIGO

Doutor José Nazar

Sou uma mulher casada. Aliás, bem casada. Eu e meu marido nos amamos, respeitamos muito um ao outro.

O problema é comigo, doutor, e nada tem a ver com o casamento, embora meu sofrimento esteja afetando minha relação conjugal, principalmente no que diz respeito ao sexo. Coisa que não havia antes, porque sempre gostamos de fazer sexo um com o outro.

Há pouco mais de um ano, tivemos nosso primeiro e único filho. Menino bonito e saudável, muito comunicativo. Algo estranho vem acontecendo comigo, pois de quatro meses para cá, venho me distanciando de tudo, não sou mais a mesma na minha profissão, nos relacionamentos, e com meu marido que tanto amo. Uma espécie de frieza vem tomando conta de minha vida.

Comecei a ficar mal quando meu filho passou a gostar de outras coisas além de meus cuidados, como sair com a babá, aceitar bem ir para a creche, gostar de frequentar a pracinha com outras crianças, ou seja, coisas boas, saudáveis. Não sou doída, sei, do fundo do meu coração, que tudo isto é muito bom para ele, é o que se espera para filhos.

De início, comecei a me irritar, eu ficava com raiva, com ódio, porque eu via que ele já não necessitava mais de mim, e isto começou a me entristecer. Senti que fiquei sem lugar, perdida, que não tinha mais importância para ele. Tudo caiu por terra, vivo numa completa falta de ânimo, doutor.

Por vezes me ocorreu estar me sentindo traída por este filho que coloquei no mundo, e que amo tanto. O sentimento que não me sai da cabeça é que fui enganada.

Tenho vergonha de conversar com meu marido sobre os meus sentimentos, digo sempre que logo irá passar. Sempre fui uma mulher forte, enfrentava os problemas de frente. Agora, sinto-me desvitalizada, sem forças para continuar. É normal uma mãe pensar que foi enganada



pelo filho que já não precisa mais tanto dela? Estou com medo de mim mesma. Obrigada.

Filhos bons e bacanas!

Como compreender que uma mãe sofra ao ver o filho dar os primeiros passos na vida rumo ao melhor? Uma mãe que se sente traída porque seu filho caminha em direção a uma vida que é a dele, que estabelece um movimento de independência, fundamental para todos desta família que se inicia? Isto é normal ou patológico? Nada disto, trata-se de uma questão ética!

Você deve conversar com seu marido. Fale com ele sobre o que está se passando, de seus sentimentos, de suas tristezas, de sua dor. Não esconda nada, tome-o com cúmplice, diga a ele sobre a seriedade da questão, pois você está se deprimindo e isto pode se agravar mais ainda.

Procure uma ajuda especializada, pois você precisa falar com alguém que a escute sobre as razões de seu sofrimento, em relação à separação de seu filho. Não minimize este fato. Dê crédito ao que você está sofrendo, fale a partir daí, que é de onde nasce uma verdade sobre o teu desejo. Diga-se, um desejo desencontrado que pede por uma leitura, para que você possa se libertar das amarras da tua dor. Depressão significa isto: que, por alguma razão que lhe é desconhecida, o sujeito não quer aquilo que deseja. Você não está conseguindo?

De todo modo, você se apresenta como uma mãe que se ressentida quando vê, com seus próprios olhos, seu filho indo pra encontrar sua própria vida. Por alguma razão, ela não está podendo ver que este filho, ao se separar, carrega dentro de si algo desta mãe, alguma coisa que fala de um grande gesto de amor.

Observa-se que há crianças mais soltas, mais seguras de si. Outras, não, são frágeis, apresentam dificuldades frente à vida, permanecem dependentes, grudados em seus pais.

Qual é o fator determinante? O que possibilita o bom amadurecimento de uma criança, de um adolescente? O que é, então, necessário para que filhos se soltem, se desgarrem e se tornem independentes? Que pais possam provocar uma separação necessária em relação a seus filhos. É o que se espera.



Um filho, uma filha, avança na vida se realmente os pais conseguem tombar do lugar de pais idealizados. Isto tem um nome, e é o que decide o futuro de cada filho, para o melhor ou para o pior: luto! Ou seja, pais podendo faltar nas relações com seus filhos, mesmo estando presentes.

Pais devem saber tombar deste lugar de pais idealizados para os filhos. Há que se construir o luto dos filhos, da infância, tão querida, tão amada – e isso está para pais e filhos - para que filhos venham, por sua vez, a construir o luto destes pais. Vale dizer, o luto é uma separação, uma boa separação, uma separação que não deve ser contaminada nem de remorso, nem de abandono, nem de desesperança!

Para que um filho ou uma filha alcance uma vida mais saudável, é preciso que se estabeleça uma separação que não seja conturbada, ressentida. O tombamento dos pais cauciona uma liberdade dos filhos. Por isso mesmo é preciso se separar dos pais, que cresçam, e que tenham espaço no sentido de alçarem seus próprios voos. É a confiança dos pais que inaugura a liberdade de ir e vir dos filhos.

Muitas vezes, há dúvidas: mas, será que pais querem verdadeiramente filhos soltos, ou os querem sob suas asas, como se fossem crias inseparáveis de si mesmos? A atualidade tem mostrado que, mais e mais, pais têm dificuldades de se separarem de filhos.

Na experiência analítica, observa-se que mães carregam sentimentos de traição em relação ao filho que começa ter sua vida própria. Isto é razoável, porque durante algum tempo um filho habita o mais íntimo de seu ser, mora dentro dela, respira suas entranhas. Portanto, são fantasias legítimas, fantasias de mãe.

Pode acontecer que estes pensamentos não venham à tona, não são pensados, verbalizados, colocados em palavras, mas sim agidos, atuados pela mãe. Nestas situações, filhos pagam a conta, carregam em suas cabeças distúrbios que são vividos como sentimentos de culpa, que vigem por debaixo das supostas dependências afetivas, drogas, cigarros, bebidas. "Ora, meu Deus, mas eu coloquei este filho no mundo e agora ele não necessita mais de mim? Não posso acreditar, ele era eu mesma, tornando-se um pedaço de mim, em mim mesma, eu o carreguei dentro de mim, fazendo parte de meu corpo, nutrindo-o de mim, do mais íntimo de meu ser". Não é, no mínimo, estranho e paradoxal?

Sentimentos de pai, não são os mesmos que aqueles de mãe. Pai se protege muito mais das dores de uma separação. Mãe, não! Mãe é um constante vulcão em atividade. Uma mãe carrega seu fogo ardente, numa



constante ebulição. Por isto mesmo, somente uma mãe, pode sentir sentimentos tão paradoxais quanto os seus, sentir-se traída pelo próprio filho!

Você, como a maioria das mães, quer um filho feliz, solto, desprendido. Uma mãe sempre quer o bem de seu filho. Mas, então, que diabo de sentimento é este que caminha no sentido oposto, diverso, contrariando todas as expectativas de um bom senso materno? Ficar triste, justo porque seu filho vai para a vida, cheio de confiança e alegria de viver! Ah! Mas que coisa, meu Deus, como a cabeça humana é feita de nós que dificultam qualquer entendimento racional! Mas este movimento de um progresso de seu filho implica que haja, realmente, numa boa separação, uma separação que é necessária para que a criança se constitua como sujeito, que tenha um futuro saudável. O problema é que, por alguma razão da sua história, você está interpretando o desprendimento de seu filho como um abandono, se fazendo abandonar. Traída!

O sentir-se traída, por si só fala de uma incongruência lógica, de uma quebra da razão reflexiva. O nascimento deste filho reacendeu um traço de sua infância, algo adormecido, que remete àquela menina que você teria sido no desejo de sua mãe, uma criança aprisionada ao desejo da mãe. Vale dizer, sua mãe não se separou de você, num certo sentido há uma fusão das duas, dentro de você mesma, em seu inconsciente. Aceitar de bom grado a separação de seu filho é poder trair o desejo desta mãe, que vive encarnado, em sua vida psíquica.

Tome este sofrimento como uma boa questão, tire ensinamentos dele, a partir dele, pois você tem o que falar sobre sua infância. Tudo está adormecido, esquecido, guardado carinhosamente, a sete chaves, no cofrinho de seus segredos de criança. A criança que te habita pede para falar, por isso seu sofrimento, sua mágoa, seu sentimento de tristeza, que leva você a sentir-se traída.

José Nazar. Médico Psiquiatra e Psicanalista. Especialização e Mestrado (Universidade do Brasil – UFRJ). Psicanalista Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise Brasília, Rio de Janeiro e Vitória. Membro da Associação Brasileira de Psiquiatria e Associação Psiquiátrica do Espírito Santo. Membro da Associação Médica do Espírito Santo (AMES). Editor Chefe da Companhia de Freud Editora. Autor do livro: Amor de Mãe.